



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS  
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERÁCULAS

MARIA ZILDA DE LIRA

**REVISTA *ERA NOVA* E A POESIA DE PERYLLO DOLIVEIRA NO PERÍODO  
DE 1921 A 1925**

JOÃO PESSOA  
JULHO DE 2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS  
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERÁCULAS

MARIA ZILDA DE LIRA

**REVISTA *ERA NOVA* E A POESIA DE PERYLLO DOLIVEIRA NO PERÍODO  
DE 1921 A 1925**

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do grau de Licenciada em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Socorro de Fátima Pacífico Barbosa

JOÃO PESSOA  
JULHO DE 2021

Catálogo na publicação  
Seção de Catalogação e Classificação

L768r Lira, Maria Zilda de.

Revista Era Nova e a Poesia de Peryllo Doliveira no  
Período de 1921 a 1925 / Maria Zilda de Lira. - João  
Pessoa, 2021.  
79 f.

Orientação: Socorro de Fátima Pacífico Barbosa.  
TCC (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Revista Era Nova. Peryllo Doliveira. Poesia. Crônica.  
I. Socorro de Fátima Pacífico Barbosa. II. Título.

UFPB/CCHLA

MARIA ZILDA DE LIRA

**REVISTA *ERA NOVA* E O POETA PERYLLO DOLIVEIRA NO PERÍODO DE  
1921 A 1925**

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba como requisito para o grau de Licenciado em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

Data da aprovação: 19/07/2021

Banca examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Socorro de Fátima Pacífico Barbosa  
(Orientadora)

---

Prof. Dr. Expedito Ferraz Jr.  
(Examinador)

---

Prof. Me. Valnikson Viana de Oliveira  
(Examinador)

Dedico este trabalho aos meus familiares, especialmente à minha querida mãe Eunice (*in memoriam*), que ficaria muito feliz com a minha conquista.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, pela vida e por todas as bênçãos que ele me tem concedido, pela força e pela coragem para chegar até aqui. Posso dizer “Até aqui o Senhor nos ajudou” (1 Samuel 7:12).

Aos meus pais, Sebastião (*in memoriam*) e Francisca, pela vida que me deram.

Aos meus segundos pais, Raimundo e Eunice (*in memoriam*), pela educação, pelo amor, pelo carinho e por todo o cuidado para comigo.

A todos os demais membros da minha família, pelo apoio e pelo incentivo em todos os momentos. Principalmente Raulson e Arquimedes, que tanto me ajudaram.

À professora Socorro de Fátima Pacífico Barbosa, por sua valiosa orientação e pela dedicação que tanto me ajudou.

Aos mestres do curso de Letras-Português, que me ensinaram com toda dedicação e me despertaram a sede de continuar a crescer.

À Coordenação do curso de Letras-Português e a todos os funcionários que me auxiliaram de alguma forma.

Aos colegas do curso, que sempre estiveram comigo, principalmente Isaías Lima Santos, Geimerson Carlos, Rosineide M<sup>a</sup> da S. Santos, Maria Suenia Gomes Soares, Glenda Mirelly Medeiros e Eduarda Cristine.

Enfim, a todos os que cooperaram comigo em todos os momentos.

## RESUMO

O presente trabalho teve o objetivo de tornar a revista *Era Nova* como fonte de pesquisa da obra de Peryllo Doliveira, na tentativa de melhor compreender o contexto discursivo e histórico no qual circulou a sua poesia e a sua prosa. Destacamos a revista por ter sido um influente periódico que marcou época na vanguarda do movimento modernista paraibano. *Era Nova* era uma revista paraibana, quinzenal e ilustrada, que circulou entre 1921 e 1925, com caráter literário e noticioso, visando ao desenvolvimento literário e cooperando em prol “das ideias dos povos cultos e fazer um órgão de publicidade que interessava a todas as classes”. O poeta Peryllo Doliveira se destacou na referida revista, em que publicou uma série de poesias e crônicas, também cumprindo a função de redator da mesma. Ele se sobressaiu como um dos maiores poetas do movimento modernista da Paraíba. Desse modo, neste trabalho, damos visibilidade à obra do autor, fazendo conhecer as poesias, as crônicas e os escritos publicados nesse periódico paraibano. Ademais, lançamos luz sobre a considerável trajetória literária de Peryllo, que cantou a poesia em seus versos, sendo considerado um poeta triste, pois suas composições eram melancólicas, espirituais, sentimentais. Comovendo-se perante a vida e suas causas, ele também denunciou as mudanças na sua cidade e retratou as diferenças das classes sociais em suas crônicas com o pseudônimo de Paulo Danizio. Acreditamos que Peryllo, ao encontrar espaço na revista *Era Nova*, alcançou sua consagração como escritor.

**Palavras-Chave:** Revista *Era Nova*. Peryllo Doliveira. Poesias. Crônicas.

## ABSTRACT

The present work had the objective of making *Era Nova* magazine a source of research for the work of Peryllo Doliveira, in an attempt to better understand the discursive and historical context in which his poetry and prose circulated. We highlight the magazine for having been an influential periodical that was at the forefront of the modernist movement in Paraiba. The *Era Nova* was a fortnightly and illustrated magazine from Paraiba, which circulated between 1921 and 1925, with a literary and news character, aiming at literary development and cooperating in favor of "the ideas of cultured people and making a publicity organ that interested to all classes". The poet Peryllo Doliveira stood out in that magazine, in which he published a series of poems and chronicles, besides also fulfilling the role of editor of the magazine. He stood out as one of the greatest poets of the modernist movement in Paraiba. Thus, in this work, we give visibility to the author's work, making known the poems, chronicles and writings published in this periodical from Paraíba. Furthermore, we shed light on the considerable literary trajectory of Peryllo, who sang poetry in his verses, being considered a sad poet, for his compositions were melancholic, spiritual, sentimental. Moving by life and its causes, he also denounced the changes in his city and portrayed the differences of social classes in his chronicles with the pseudonym Paulo Danizio. We believe that Peryllo, by finding space in the *Era Nova* magazine, achieved his consecration as a writer.

**Keywords:** *Era Nova* magazine. Peryllo Doliveira. Poetry. Chronicles.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|                                                                               |    |
|-------------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 1 – Exemplo de capa da revista que chamava a atenção dos leitores..... | 17 |
| Figura 2 – Diretores: Severino de Lucena e S. Guimarães Sobrinho.....         | 18 |
| Figura 3 – Primeira capa da revista <i>Era Nova</i> , publicada em 1921.....  | 19 |
| Figura 4 – Página dedicada aos leitores.....                                  | 20 |
| Figura 5 – Publicações femininas – Violeta e Alba Regina.....                 | 21 |
| Figura 6 – Concurso de Beleza para eleger a mais bela da Paraíba.....         | 22 |
| Figura 7 – Concurso de enigmas, charadas.....                                 | 23 |
| Figura 8 – Foto do poeta Peryllo Doliveira.....                               | 25 |
| Figura 9 – Nota da morte de Peryllo Doliveira.....                            | 32 |

## SUMÁRIO

|                                                                                   |           |
|-----------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>                                                            | <b>9</b>  |
| <b>1 BELLE ÉPOQUE.....</b>                                                        | <b>13</b> |
| <b>2 REVISTA PARAIBANA ERA NOVA.....</b>                                          | <b>15</b> |
| <b>3 PERYLLO DOLIVEIRA E SUA TRAJETÓRIA INTELECTUAL.....</b>                      | <b>25</b> |
| 3.1 Publicações de Poemas de Peryllo Doliveira na Revista <i>Era Nova</i> .....   | 26        |
| 3.2 Publicações de Crônicas de Peryllo Doliveira na Revista <i>Era Nova</i> ..... | 33        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                                  | <b>35</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>                                                           | <b>36</b> |
| <b>ANEXOS.....</b>                                                                | <b>38</b> |

## INTRODUÇÃO

O início do século XX caracteriza-se por um período de profundas transformações, um momento de transição entre estruturas e percepção na Paraíba. Nesse contexto, a imprensa da Paraíba, em 1921, esteve condicionada ao período de publicação da revista *Era Nova*, mas, sobretudo, pelo ritmo de transformações e pelos entusiasmos culturais que se elevaram naquele período de modernização (RODRIGUES, 2014).

Esse período de modernização na qual a Paraíba estava atravessando, seja na literatura, nas artes, nos hábitos, na moda, no crescimento urbano, na tecnologia, entre outros, foi marcada pela influência da França, que passava por uma época de pleno desenvolvimento na sociedade burguesa, conhecido como a *Belle Époque*, que significa “belos tempos”. Mais adiante, iremos abordar mais sobre a Belle Époque em um tópico dedicado ao tema.

Na Paraíba, segundo Pinheiro (2013) as mudanças na mentalidade cultural, nos costumes da província foram registradas na imprensa local, exercendo um papel de destaque nos periódicos *A União*, *Era Nova*, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano*, *O Educador*, *O Combate*, entre outros. Ainda de acordo com Pinheiro (2013), os periódicos, além de noticiarem a moda, a literatura, os eventos sociais, também serviram de espaço para vozes femininas.

Para Barbosa (2007, p. 17), os periódicos são “fontes de uma série de escritos, muitos anônimos, outros deixados no esquecimento, mas com os quais os autores, hoje consagrados, dialogavam, seja tentando se afastar de seus procedimentos, seja incorporando alguns deles”. Os periódicos já eram considerados documentos para investigação do passado, como vemos nas considerações da autora:

[...] as imensas possibilidades de análise decorrente da Nova História potencializaram o gênero revista como fonte ou melhor, esta modalidade de publicação periódica evidenciou-se como suporte rico e diversificado de documentos reveladores de processos históricos, representação material de práticas de consumo, usos e costumes (MARTINS, 2003, p. 60).

A revista como “documento tornou-se um conjunto lúdico que uma só publicação reúne texto, imagem, técnica, visões de mundo e imaginários coletivos” (MARTINS, 2003, p.60). Todos os seus componentes, como “o formato, papel, letra, ilustração, tiragem,

sugerem indagações que pronunciam a carga de historicidade presente nas, hoje, velhas e amarelecidas publicações” (MARTINS, 2003, p. 60).

Para Rodrigues (2014, p. 11), “a pertinência desse gênero de impresso é válida se levarmos em consideração as condições de sua produção, de sua negociação, de seu mecenato propiciador, das revoluções técnicas, da natureza dos capitais nele envolvidos”. De acordo com a autora,

As revistas não são espelhos perfeitos da sociedade, muitos dos seus discursos visavam a atender determinada visão de mundo ou aos anseios da opinião pública, encobrando o registro espontâneo da opinião do escritor/jornalistas em serviço da defesa das tradições. Pode-se dizer que a revista era “um instrumento eficaz de propagação de valores culturais” (RODRIGUES, 2014, p. 11).

Esses valores culturais são determinados pela cultura de um grupo social, ou pelos valores da sociedade a qual os indivíduos pertencem.

A importância dos periódicos como fonte impressa “nos é atestada pelas produções significativas que tem como tema e/ou suporte documental jornais e revistas nas últimas décadas” (RODRIGUES, 2014, p. 10). O papel dos periódicos, é “o da consolidação da literatura brasileira, através da criação e disseminação de determinados gêneros. É também de responsabilidade deste suporte a disseminação do gosto pela leitura” (BARBOSA, 2007, p. 47).

Para Sales (2005, p. 157), “o objetivo central da revista é contribuir para o desenvolvimento literário do meio, caracterizando-se como um órgão de utilidade pública, comprometido tão somente com o incremento das letras”. A revista *Era Nova* foi um “dos espaços que se abriu para uma nova mentalidade no que se refere ao desejo dos paraibanos de se libertarem das amarras dos modos provincianos” (PINHEIRO, 2013, p. 71).

Podemos observar que, na revista *Era Nova*, a literatura representava um grande número de gêneros publicados, como poemas, crônicas, novelas, contos, lendas, romances, mas não sempre trazendo o aspecto literário: “Assim temos que em uma coluna de Variedade pode-se encontrar desde a publicação de relatórios do governo a poemas, trechos científicos e uma série variada de gêneros discursivos” (BARBOSA, 2007, p. 31).

Para elevar e patentear o valor qualitativo e quantitativo dos poetas, senão fossem todos os poetas, pelo menos para os mais esquecidos, o diretor da *Era Nova* resolveu fazer um concurso para uma coletânea de sonetos:

Poetas parahybanos:

Por iniciativa do Sr. Synesio Guimarães, digno e talentoso director deste magazino (sic), virá brevemente a lume uma collectanea dos sonetos parahybanos [...] o nosso colega lançou mão para elevar e pantetear o valor qualitativo e quantitativo senão de todos os poetas pelo menos dos mais esquecidos em nosso meio pelo ineditismo ou desapego temporão desta vida. Cada soneto será acompanhado do retrato do autor e das principais notas biographicas. Para isso faz-se preciso o valioso concurso dos que se dão ao trato das magras letras patricias, maximé no que diz aos esboços chronologicos sobre a vida de cada poeta. Em auxiliá louvável empreitada do nosso presado colega tomamos a peito a solicitar a todos os poetas conterrâneos uma de suas produções acompanhada dos respectivos dados e retrato para mais seguro êxito da obra em empreendimento (*Era Nova*, 1921, n. 14).

Nesse sentido, só eram publicados na revista *Era Nova* os melhores poetas e seus respectivos escritos. Por isso, optou-se por tornar a revista como fonte na tentativa de melhor compreender o contexto discursivo e histórico no qual circulou a poesia do autor em questão, e por ter sido um influente periódico que marcou época na vanguarda do movimento modernista.

Na trajetória de construção deste trabalho, primeiramente escolhemos fazer sobre literatura paraibana. Como ainda não sabíamos o que escolher como foco, a nossa orientadora nos apresentou jornais e folhetins literários da Paraíba no século XIX, relatando que poderíamos desempenhar uma ótima pesquisa com a revista *Era Nova*. Ao conhecermos tal periódico, ficamos maravilhados com o seu conteúdo. A partir de então decidimos trabalhar com a revista e escolher um dos seus colaboradores para ser o protagonista de nosso trabalho.

Quanto à escolha do poeta Peryllo Doliveira, esta se deu através de uma seleção entre alguns nomes paraibanos que apareciam na revista. Na pesquisa sobre a biografia desses escritores, o que mais chamou a nossa atenção foi Doliveira, culminando na decisão de abordar a sua trajetória literária neste trabalho. Na revista *Era Nova*, ele se destacou publicando vários poemas e crônicas, também se sobressaindo como um dos maiores poetas do movimento modernista na Paraíba. Outro motivo que envolveu a sua escolha foi o fato de existir poucas referências da sua trajetória literária, sendo encontrados apenas dois trabalhos sobre a sua carreira nas letras, ambos da mesma autora, Maria Cecilia Fernandes de Almeida. Tratam-se de uma dissertação e um artigo, discutindo crônicas de “A Cidade dos Jardins”, assinadas com pseudônimo de Paulo Danízio.

A metodologia usada neste trabalho é de natureza bibliográfica e exploratória. A pesquisa do tipo bibliográfica é desenvolvida com base em material elaborado constituído

por livros e artigos científicos. A exploratória, por sua vez, tem como objetivo o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Na maioria dos casos, essas pesquisas também envolvem levantamento bibliográfico (GIL, 2002).

Sendo assim, organizaremos o trabalho em quatro momentos. No primeiro capítulo, faremos um apanhado sobre a Belle Époque na Paraíba e as transformações que marcaram a sociedade paraibana. Aqui, atentaremos para algumas concepções de Madruga (2011), Santos (2016), Duarte Neto (1997) e Secco (2011). No segundo capítulo, faremos uma descrição e a análise da revista paraibana *Era Nova*, mostrando a sua importância para a época. Para isso, teremos por base os trabalhos de Rodrigues (2014), Souza (2019). O terceiro capítulo, ponto central deste Trabalho de Conclusão de Curso, abordará a trajetória do poeta Peryllo D'Oliveira, e da sua poesia, alicerçado por trabalhos de autores como Barbosa (2009), Barbosa (1930), Mozart (2017) e Almeida (2005). Por fim, teceremos algumas considerações sobre o trabalhado.

Quanto à grafia do nome de Peryllo Doliveira, esta pode ser encontrada como Peryllo D'Oliveira, Peryllo Doliveira e Peryllo de Oliveira. No entanto, optamos por utilizar Peryllo Doliveira. Ressaltamos que a transcrição de todos os poemas e as crônicas do autor estarão presentes nos Anexos do trabalho. Também frisamos que será mantida a ortografia original da época em todas as citações da revista base de nossa pesquisa, dos poemas e das crônicas que trabalharemos.

## 1 BELLE ÉPOQUE

Belle Époque, de acordo com Madruga (2011). refere-se de um modo geral ao período compreendido entre o final do século XIX, (aproximadamente cerca de 1880) e a eclosão da Primeira Guerra Mundial, em 1914. Desse modo, “mudanças profundas marcam o cotidiano da *Belle Époque*, provocadas pelo aparecimento de novas tecnologias como o telefone, o telégrafo sem fio, o cinema, a bicicleta, o automóvel, o avião entre outras invenções” (MADRUGA, 2011, p. 196).

Nessa época, Paris torna-se o “centro cultural mundial com seus cafés-concertos, balés, operetas livrarias, teatros, boulevards e a alta costura, inspirando e influenciando várias regiões do mundo” (MADRUGA, 2011, p.196 ). No caso do Brasil, devemos considerar o início deste período “em 1889, com a Proclamação da República, levando-o até 1922, ano da explosão do Movimento Modernista, com a realização da Semana da Arte Moderna na cidade de São Paulo” (MADRUGA, 2011, p.196 ).

Trata-se de um momento de pleno desenvolvimento da sociedade burguesa e de “efervescência cultural, cujas formas artísticas típicas são representadas, sobretudo pelo impressionismo e pela art nouveau” (SANTOS, 2016, p. 56). Ainda de acordo com Santos (2016):

A época do pré-modernismo figurava como período relegado a uma espécie de ‘limbo’ da história literária. Valorizado apenas na condição de ‘antessala’ do modernismo, durante 1900 e 1920, que careceu da atenção às especificidades de sua literatura, que a despeito de chancelar o triunfo da ‘literatura sorriso da sociedade’ contou com produções singulares que fugiam ao paradigma conservador oferecido pela retórica (SANTOS, 2016, p. 56).

Era uma época de incertezas, que contou com produções que fugiam do modelo padrão oferecido pela retórica. Segundo Duarte Neto (1997, p. 226), foi um período de “transição caracterizado pelo ecletismo, está situada entre o fim do simbolismo e do parnasianismo e o surgimento do modernismo”. De acordo com o autor, foram “anos complexos, interregno entre o “século XIX agonizante e o despertar da modernidade, neles o ímpeto simbolista, vulneráveis às novas ideias, perde nitidez e força, durou cerca de vinte anos de 1902 a 1922”. Para ele, esse período é rotulado como um momento de “eclipse dentro da nossa literatura, ou seja, tratava-se de uma época que não se caracterizaria pela

originalidade e nem pela quebra de velhos padrões, mas pelo contrário, pelo epigonismo, pelo academicismo, pela reprodução do já existente”. Ainda conforme o autor, um período de “mera “cópia” do que foi produzido na Europa, principalmente na França” (DUARTE NETO, 1997, p. 226).

Nas artes e também na literatura, a influência da França e da Inglaterra mostrava-se marcante. De acordo com Secco (2011, p. 80-81), eram importadas o decantismo<sup>1</sup> francês, o dandismo<sup>2</sup> inglês, a *Art Nouveau* europeia. No Brasil, o surgimento do Art Nouveau ocorreu nos primeiros anos republicanos.

Ainda segundo Secco, (2011, p. 80-81), a Art Nouveau se caracterizava por formas serpentinadas<sup>3</sup>. Já o dandismo, valendo-se de todo um cerimonial vestimentar, buscava recuperar o prestígio e o individualismo de uma nobreza aristocrática em decadência. O dândi desprezava, assim, manifestações do utilitarismo burguês, pois este favorecia a estandartização da moda, impedindo, conseqüentemente, o exercício do individualismo.

Por meio de hábitos elegantes, como o uso de luvas, chapéus, cigarrilhas, cravos à lapela e etiquetas de costureiros famosos, o dândi afirmava sua superioridade e sua originalidade. De acordo com Secco (2011, p. 80,81), os detalhes davam-lhe um toque de distinção funcionando para o dandismo, da mesma maneira que as formas serpentinadas e rebuscadas funcionavam para a Art Nouveau. Os detalhes significavam o requinte das elites aristocráticas, evocando o mistério, o conteúdo inatingível e estranho de nobreza e prestígio.

Sendo assim, as artes brasileiras tomaram novos rumos, aproximando-se das culturas francesas e italiana. Um exemplo é a realização da Semana de Arte Moderna, na cidade de São Paulo, em 1922. Nesse contexto histórico da Belle Époque, jornais e revistas cresciam no cenário brasileiro, devido às novas técnicas de impressão e às mudanças na sociedade em todos os aspectos. No próximo capítulo, iremos contemplar essas mudanças na revista *Era Nova*, da Paraíba.

---

<sup>1</sup> Foi um estilo artístico europeu que atingiu seu ápice no final do século XIX, tendo relação com o chamado Movimento Decadentista, ocorrido na França e na Inglaterra, cujos integrantes possuíam uma visão acentuadamente pessimista e subjetiva do mundo e um enfoque no universo interior do artista e nos mistérios da existência.

<sup>2</sup> Característica da pessoa que se veste com elegância e requinte.

<sup>3</sup> É uma expressão italiana que significa “figura em forma de serpente”, usada para designar uma forma ou um estilo representativo da figura nas artes visuais.

## 2 REVISTA PARAIBANA ERA NOVA

*Era Nova* era uma revista quinzenal ilustrada, publicada pela primeira vez em 27 de março de 1921, ficando em circulação até 31 de dezembro de 1925. O seu caráter era literário e noticioso, com redação originalmente sediada na cidade de Bananeiras – PB. Depois, foi transferida para a Parahyba do Norte. Seus fundadores foram Severino de Lucena<sup>4</sup>, que era o diretor, e Sinésio Guimarães Sobrinho<sup>5</sup>, que foi o redator-chefe, entre outros colaboradores de um grupo de intelectuais que buscava abrir espaço para a crônica literária (a exemplo de Peryllo Doliveira, com o pseudônimo de Paulo Danízio), a moda, as artes plásticas, os anúncios, a ficção, a poesia.

A revista *Era Nova* se transformou num baluarte da literatura moderna paraibana, pela influência de alguns poetas, como Peryllo Doliveira, Eudes de Barros, Silvino Olavo, Joaquim Inosoja, além de escritores reconhecidos nacionalmente, a exemplo de Olavo Bilac, Augusto dos Anjos, Ruy Barbosa, Machado de Assis, entre outros. Ressaltamos que “este espaço onde circulavam todos os gêneros e todos os escritores - anônimos e célebres ficou conhecido como “Miscelânea”” (BARBOSA, 2007, p. 61).

A primeira matéria da revista é a sua apresentação, que tem por título “Esta Revista” e afirmava o seguinte:

Apresentamos em público o primeiro número desta revista, cujo empreendimento nasceu de despretenciosos intelectuais, que visam apenas, sem vaidades nem ambições, o desenvolvimento literário de nosso meio, cooperando em prol das ideias fecundas que são o apanágio intelectual dos povos cultos.

Hemos de nos esforçar por fazel-a um orgam de publicidade que interesse a todas as classes e preparal-a com meticoloso acuramento, tornando-a variada, amena, sabendo a todos os paladares na exuberancin de suas especialidades, esclarecendo, dest’arte, ao industrial e ao comerciante, ao leitor burguez e ao leitor letrado e incentivando ao mesmo passo o amor dos jogos desportivos com ilustrações e aplausos.

Entraremos de apreciar a vida política e administrativa sem, por isso, termos o menor rebuço de partidarismo [...]. Não temos outros compromissos, nem os desejamos ter, senão de discutir as questões, longe

---

<sup>4</sup> Severino de Lucena, nascido na cidade de Bananeiras, em 1890, iniciou seus estudos no Lyceu Parahybano. Mediante concurso, foi nomeado para o Telegrapho Nacional e, em pouco tempo, foi promovido a curul presidencial do estado.

<sup>5</sup> Guimarães Sobrinho nasceu em Bananeiras, em 1897. Foi diretor da revista *Era Nova* e dos jornais *A União* e *O Liberal*. Foi um dos primeiros redatores do jornal *O Norte*. Formado em Direito, publicou algumas obras forenses.

das tendências parciais ou pessoais, adscrevendo-nos aos preceitos da moral, ao acatamento da ordem e a integridade da Justiça.

Ad augusta per angusta (*Era Nova*, 1921, n. 1).

Os editores esclarecem ainda a razão do título *Era Nova*, que se “enquadra no entranhado amor que a direção do magazine consagra à cidade de Bananeiras, terra natal de grande maioria de quantos redigem esta revista, com honesto propósito de impelir-a para os mais risonhos destinos” (*Era Nova*, 1921, n. 1). A redação destacava que houve, em Pernambuco e no Rio de Janeiro, dois periódicos com esse mesmo título, ambos assinalados por um grande êxito nas suas campanhas em prol de nossa religião e de nossa pátria. Todavia, nessa época, alguns jovens bananeirenses ali estamparam uma pequena *Era Nova*, em que se concentravam os seus ideais e as suas aspirações de arte, letras e civismo: “A adoção deste título é, pois, uma devida e saudosa homenagem aos pioneiros daqueles orgãos de imprensa”. (*Era Nova*, 1921, n. 1).

Um dos fatores que mais chamou a atenção para a revista foi a qualidade de suas impressões, o que exigia um tipo melhor de papel, além do domínio técnico e gráfico, como vemos nas explicações de seus redatores: “Com oficinas de gravuras próprias, a cargo de competente photo-gravador, mantém em suas páginas um impecável serviço de clichê<sup>6</sup>, como fazem prova as nossas edições especiais” (*Era Nova*, 1923, n. 47).

Para se fazer a capa da revista *Era Nova*, era lançado um concurso para escolha da melhor imagem, visto que a “capa representava para a revista o mesmo papel que representa na mulher. Envolve suas formas e sensações, e mais que na mulher, a revista precisa desta causa de atração. É sua maquiagem, o seu requinte, provocando o desejo e a cobiça do leitor” (*Era Nova*, 1924, n. 62). O editor ainda continua com o anúncio:

Era Nova, que é cobiçada e querida no meio parahybano, quer também ser revelada e envolvida pelos seus artistas do lápis e das cores. Lançando o concurso, o seu sucesso fica nas mãos dos pintores e desenhistas da Parahyba.

E a sua preciosa e desejada colaboração que solicitamos.

Ao mundo feminino, as gentis patrícias que revelam tão futuramente nos nossos collegios, cabe também ocorrer o nosso apelo.

Fica aberta o primeiro concurso de capas de Era Nova, sob as bases que seguem. (*Era Nova*, 1924, n. 62).

---

<sup>6</sup> Uma clichêria é uma oficina onde se produzem clichês, ou seja, placas gravadas em relevo para impressão de imagens e textos por meio de prensa.

No exemplo a seguir, podemos ver a capa da revista, que provocava o desejo e a cobiça do leitor.

**Figura 1** – Capa da revista que chamava atenção dos leitores.



Fonte: Revista *Era Nova*, 1921, n. 11.

Além da qualidade de suas impressões, que faziam sucesso entre seus leitores, a parte intelectual “era um dos brilhantes factores do seu sucesso, a sua direção lhe tem sabido imprimir um cunho de enexcedível brilho escolhendo um luzidio corpo de colaboradores entre os nossos melhores” (*Era Nova*, 1923, n. 47).

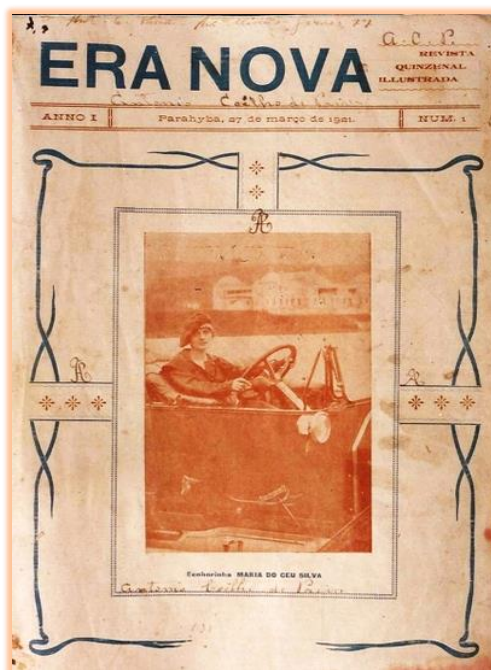
**Figura 2** – Diretores: Severino de Lucena e S. Guimarães Sobrinho.



Fonte: Revista *Era Nova*, 1922, edição especial.

Segundo Rodrigues (2014, p. 14), as ilustrações contribuíram para aprimorarem a modernização dos periódicos e atrair o gosto de um público leitor que cada vez apurava os sentidos. O uso de imagens, como as fotografias e/ ou do pictorialismo, é um dos fatores que agregam valores às revistas. Eram comumente usados para estamparem capas com a imagem de personalidades da sociedade, paisagens da cidade, destaques acerca das melhorias urbana, assim como ícones da modernidade, tais como carros, máquinas de escrever e outros. Como exemplo, temos a capa da primeira publicação, com a imagem de uma mulher dirigindo um automóvel, simbolizando a ideia de modernidade.

**Figura 3** – Primeira capa da revista *Era Nova*, publicada em 1921.



Fonte: Revista *Era Nova*, 1921, n. 1.

A revista circulava na capital da Parahyba do Norte, também no interior e nos estados vizinhos. A *Era Nova* apresentava um público específico, a classe média/alta paraibana que tinha acesso à revista. Era criada uma seção para que fossem estampadas fotos dos leitores e retratos de cidades, mas para isso tinha que se pagar os clichés. No exemplo a seguir, podemos ver uma foto da coluna dos leitores da *Era Nova*.

**Figura 4** – Página dedicada aos leitores.



Fonte: Revista *Era Nova*, 1924, n. 61.

Sua assinatura podia ser feita anualmente, semestralmente ou por compra avulsa. As condições de assinaturas se davam da seguinte maneira:

Na capital

Anualmente – 20\$000

Semestralmente – 11\$000

Fora da capital

Anualmente – 22\$000

Semestralmente – 12\$000

Número avulso – 1\$000

Número atrasado – 1\$5000

Na rua Duque de Caxias, 501, com pagamento adiantado

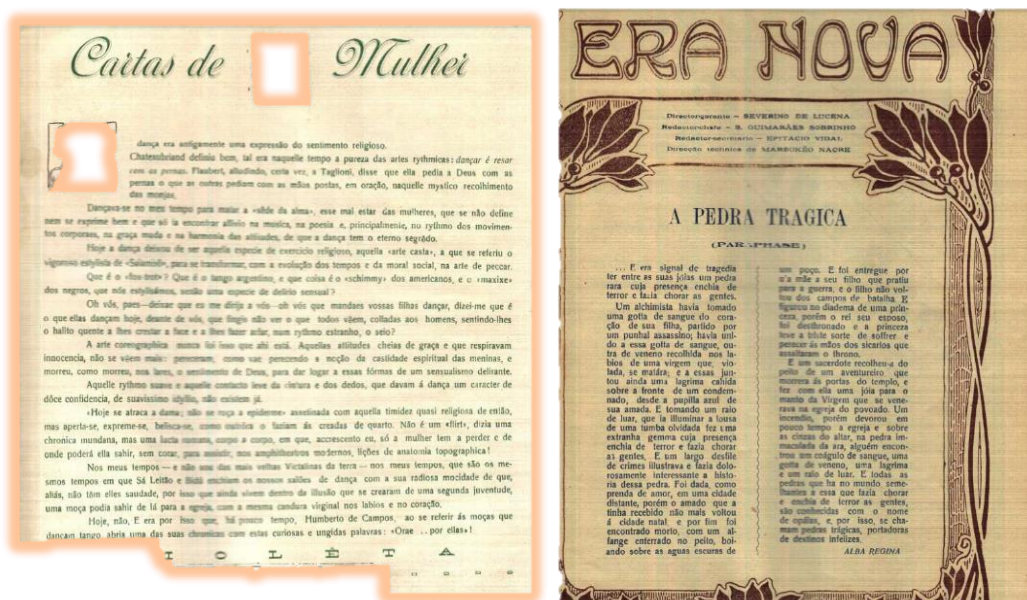
Os redatores da *Era Nova* informavam que sua publicação era a de maior circulação no estado, desde o litoral até o alto sertão, sendo inegável a sua situação em outros estados, nos quais foi adquirindo a simpatia e a admiração de seus leitores.

Cada assinante desta revista torna-se para logo seu propagandista e seu amigo, visto como quem a lê reconhece o modo carinhosos e o esforço herculeo que presidem a sua confecção, chegando sem contestação a figurar sem desdouro entre as melhores publicações sulistas congenero (*Era Nova*, 1923, n. 47).

Desse modo, o autor chama a atenção para o crescimento da revista, através de seus assinantes, que divulgavam para outros o sucesso do periódico pelo seu conteúdo.

A revista se destacava também por atrair o “público feminino e por ter uma participação mais intensa em seus textos de autoras mulheres” (SOUZA, 2019, p. 369). De acordo com Barbosa (2007, p. 88), sobre a participação feminina, desde o século XIX, “os periódicos abriram as portas para elas, muitas das quais ultrapassaram a mera colaboração, sua participação, geralmente anônima, ou sob pseudônimo, se dava através da escrita de poesias, de charadas, contos e muitas vezes tradução”. Vários nomes de mulheres apareciam assinando escritos na *Era Nova*, a exemplo de Eudesia Vieira, Palmyra Wanderley, Wanda Novaes, Violeta, Alba Regina, entre outras. As que mais se destacavam eram Violeta e Alba Regina, como mostrado na figura a seguir:

**Figura 5 – Publicações femininas – Violeta e Alba Regina.**



Fonte: Revista Era Nova, 1922, n.38 e 1924, n. 57.

Outro assunto que atraía muito a atenção das leitoras da revista era o concurso da mais bela da Paraíba, como podemos ver nas imagens a seguir:

**Figuras 6** – Concurso de Beleza para eleger a mais bela da Paraíba.



Fonte: Revista *Era Nova*, 1922, edição especial e 1922, n.27.

Um dos entretenimentos mais apreciados da revista *Era Nova* eram os enygmata de palavras cruzadas, os enygmata pitorescos, as charadas, que tinham concurso para que os leitores participassem, como vemos no anúncio na revista:

Palavras cruzadas, enygmata de palavras cruzadas tão apreciados atualmente e tão em voga nas elites intelectuais de todos os países cultos do mundo. O primeiro enyigma *Era Nova* encontrou grande número de decifradores, já temos em mãos várias soluções entre as quais terá de ser sorteada a vencedora cujo autor receberá por prêmio uma assinatura annual deste magazzino. (*Era Nova*, 1925, n. 88).

Percebemos que esse tipo de entretenimento não era uma prática nova, tratava-se de “práticas de leitura e de escrita características do século XVIII, que foram restauradas pelas possibilidades tipográficas oferecida pela imprensa” (BARBOSA, 2007, p. 53). Temos um exemplo a seguir:

**Figura 7** – Concurso de enigmas, charadas.



Fonte: Revista *Era Nova*, 1925, n. 88.

Seus principais conteúdos eram: crônicas, opiniões, poesias, romances, contos, suplementos, que eram as novelas inéditas, coluna com fotos de crianças que retratavam como seria o futuro da Paraíba, lendas, contatos, notícias sobre a agenda cultural da cidade, anúncios de vendas de livros, revistas femininas e jornais, notas esportivas, telas paraibanas de filmes esperados, moda, cuidados com a casa e guias de como ser uma boa esposa, propagandas comerciais, reportagens sobre ciências, artes, notas sobre os assinantes da revista, como: aniversário, casamentos e falecimentos, homenagem entre outros.

Vale ressaltar que, além dos números quinzenalmente, a revista tinha os números especiais de datas comemorativas do estado, como exemplo: festas centenárias no interior e na capital, obras do porto, homenagem ao corpo administrativo da imprensa, notícias sobre cada um que constituem a vanguarda da revista, as rainhas da formosura, eventos, obras do nordeste, inauguração de praças, concurso da mais bela mulher do Brasil, homenagens de personagens importantes, homenagens a poetas célebres.

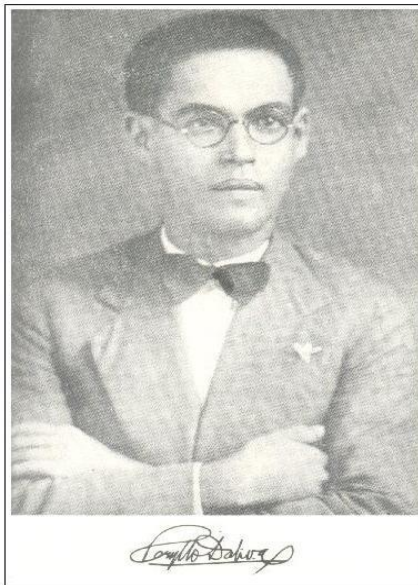
Muitos foram os poetas paraibanos e de outros estados do Brasil que publicaram na revista *Era Nova*, como Peryllo Doliveira (paraibano), Américo Falcão (paraibano), Carlos D' Fernandes (paraibano), Mathias Freire (paraibano), S. Guimarães Sobrinho (paraibano), José Américo de Almeida (paraibano), Silvino Olavo (paraibano), Pereira da Silva (paraibano), Emygídio de Miranda (pernambucano), Sdras Farias (pernambucano), Ascenso

Ferreira (pernambucano), Martins Fontes (paulista), entre outros. O que me chamou a nossa atenção foi o poeta Peryllo D'Oliveira, o qual escolhemos para ser o protagonista deste trabalho.

### 3 PERYLLO DOLIVEIRA E SUA TRAJETÓRIA INTELECTUAL

Severino Peryllo Doliveira nasceu em 4 de dezembro de 1898, na cidade de Cacimba de Dentro, em Araruna – PB. Ele faleceu em 26 de agosto de 1930, na cidade de João Pessoa – PB. Era filho de Almeno Peryllo de Oliveira e de D. Josefa Maria de Oliveira.

**Figura 8** – Foto do poeta Peryllo Doliveira



Fonte: Acervo de Montgômery Vasconcelos.

Segundo Barbosa (2009, p. 57-58), Peryllo nunca frequentou escolas. Aprendeu as primeiras letras enquanto trabalhava como caixeiro de uma mercearia, sozinho e sem nenhuma orientação, o que não impediu de transformar-se, mais tarde, em um grande jornalista, poeta e literário. Iniciou a vida como ator, carreira que seguiu por mera casualidade. Encontrava-se em Araruna um pequeno circo administrado pela atriz Irene Conceptini. Peryllo. Sentindo-se atraído pela artista, ele integrou-se ao grupo e seguiu a caravana Brasil afora. Apresentou-se como ator, nessa companhia, em quase todos os estados do Brasil, tornando-se famoso e requisitado por outras produtoras. Na capital da Paraíba, em março de 1923, apresentou-se no teatro Santa Rosa, no papel principal da peça “Água mole em pedra...”, com muito sucesso. Deixando o palco, voltou ao seu estado natal, instalando-se na capital, passando a dedicar-se à literatura e ao jornalismo, tornando-se conhecido como um dos maiores incentivadores do movimento de renovação literária do país.

Ainda em consonância com Barbosa (2009, p. 57-58), em 1922, Peryllo exercia funções burocráticas na Secretaria Geral do Estado e, a convite do poeta Silvino Olavo,

integrou-se à redação de *O Jornal*, órgão impresso recém criado. Colaborou também, no jornal *A União* e foi redator da revista *Era Nova*, quando se tornou conhecido e um dos expoentes do movimento literário modernista na Paraíba. Publicou nesta última revista seus primeiros versos e passou a assinar uma “crônica social” na coluna Noticiário Elegante. Depois, assumiu a coluna Notas de Arte, escreveu uma série de crônicas intituladas “Cidade dos Jardins”, sob o pseudônimo de Paulo Danízio, além de ser responsável por uma página de crônica social, a seção Vidas Alheias.

Conforme nos afirma Mozart (2017), Peryllo Doliveira viveu apenas para o seu sonho estético. Sua tragédia pessoal, que incluía ser pobre, doente, pois faleceu ainda jovem de tuberculose, por ser também negro, numa época em que o racismo predominava, talvez tenha influenciado sua poesia. Era um artista muito avançado para a sua época, ganhando muitos elogios, entre os quais de Raul de Góes que o considerava o maior poeta de sua geração. Já Oscar de Castro também o elogiou: “foi um poeta que melhor soube pintar no sofrimento alheio o drama do seu próprio destino” (MOZART, 2017, p.18).

Peryllo “cantou nos seus versos a agonia dos que têm fome e dos que nasceram marcados ou estigmatizados pelo sofrimento. Implantou entre nós a poesia moderna e foi inexcedível na compreensão da angústia dos oprimidos” (MOZART, 2017, p. 18). Ainda em consonância com Mozart (2017), além de ator e poeta, Peryllo Doliveira era pintor e costumava ilustrar os cenários de seus festivais de artes. No livro *Canções que a vida me ensinou*, a capa e as ilustrações são do próprio autor. Não foi sem motivos que Peryllo Doliveira recebeu tantos elogios dos seus contemporâneos: era um jovem digno de receber tantos aplausos.

### 3.1 Publicações de Poemas de Peryllo Doliveira na Revista *Era Nova*

**QUADRO 1** - Publicações de Poemas de Peryllo Doliveira na Revista *Era Nova*.

| ANO  | DATA/NÚMERO       | NOME DOS POEMAS   |
|------|-------------------|-------------------|
| 1921 | 14/10/1921, Nº 14 | Via-Láctea        |
| 1921 | 15/11/1921, Nº 16 | Na Penumbra       |
| 1921 | 25/12/1921, Nº 18 | Aves de Arribação |
| 1922 | 01/06/1922, Nº 27 | Valsa 21/12/1922  |
| 1922 | 01/08/1922, Nº 31 | Tristemente       |
| 1922 | 01/10/1922, Nº 34 | Redivina          |
| 1922 | 24/12/1922, Nº 38 | Cyclo Espiritual  |
| 1923 | 01/03/1923, Nº 41 | Conselho          |

|      |                   |                              |
|------|-------------------|------------------------------|
| 1923 | 01/05/1923, Nº 44 | Pena de Talião               |
| 1923 | 17/06/1923, Nº 46 | Horas Mysticas               |
| 1923 | 26/07/1923, Nº 48 | Tua Voz...                   |
| 1923 | 1923, nº 49       | Sonho – Reflexo do Infinito  |
| 1923 | 25/12/1923, Nº 55 | Natal                        |
| 1924 | 24/02/1924, Nº 58 | Transfiguração               |
| 1924 | 27/03/1924, Nº 60 | Mãe                          |
| 1924 | 15/05/1924, Nº 62 | Calvário                     |
| 1924 | 15/06/1924, Nº 64 | Da Vila Branca em que Nasci. |
| 1925 | 01/05/1925 Nº 78  | Como Outrora em Samaria.     |
| 1925 | 01/08/1925 Nº 84  | Canção Triste                |
| 1925 | 15/08/1925        | A Rosa...                    |
| 1925 | 30/09/1925        | Epigraphes                   |

Fonte: Elaborado pela autora.

Analisando os seus poemas, podemos perceber que o autor escreve para todos os gostos. São versos melancólicos, espirituais, sentimentais, piedosos e amigáveis. Ressaltamos que a transcrição de todos os poemas de Peryllo Dolivera estará nos anexos deste trabalho.

Em 1 de setembro de 1922, na coluna Livros & Revista da revista *Era Nova*, aparecia uma nota da publicação do livro *Chamma Sagrada*, o primeiro de Peryllo Doliveira:

O nosso prezado colaborador e apreciado poeta Peryllo D'Oliveira acaba de mandar para o prelo o seu livro de versos *Chamma Sagrada*, que, dentro em breve virá a lume. Será este, incontestavelmente, um notável acontecimento literário no meio intelectual da Parahyba, onde, como figura brilhante da nova geração, com a sua alma de uma fina sensibilidade, Peryllo d'Oliveira forma entre os nossos mais festejados poetas. *Chamma Sagrada*, a qual *Era Nova* já tem publicado alguns lindos versos, é um livro formosíssimo, trabalhado todo com um raro e requintado gosto e repassado de graça emocionada, que é a característica da poesia de Peryllo d'Oliveira. Este volume de versos compõe-se de um três partes que formam um trio harmonioso e magnífico! Deslumbramentos, Calvario e Alma e Coração. É justo, pois, que se esteja aguardando com maior ansiedade o livro d'estreia no nosso confrade (*Era Nova*, 1922, n. 33).

Após a publicação de várias produções poéticas e do seu primeiro livro de versos, Peryllo Doliveira entrou para o corpo de auxiliares da revista *Era Nova*, como segue uma nota da redação:

O Sr. Peryllo de Oliveira, apreciado vate conterrâneo e nosso confrade de imprensa de quem já temos publicado várias produções poéticas.

Estamos certo de que o Sr. Peryllo de Oliveira emprestará o melhor de sua inteligência e de sua operosidade em prol dos interesses desta empresa. (*Era Nova*, 1923, n. 40).

Vemos aqui que os seus companheiros de redação o admiravam e davam todo o apoio que ele merecia em seus trabalhos. Já o livro de versos *Canções que a vida me ensinou* foi editado na capital da Paraíba em 1925, e recebeu da crítica literária muitos elogios. Um deles foi do jovem escritor potiguar Luiz da Câmara Cascudo, que escreveu o seguinte trecho:

Horas mysticas, Dessa Tristeza – Da Villa Branca em que Nasci merecem uma leitura carinhosa. O autor como tendo remorsos de ter esquecido o velho estalão parnasiano, escreve [...]. A Via láctea é possível de atenção. Outros semelham uma roupa que terminamos em usar e que já está fora da moda.

O Sr. Peryllo Doliveira escreve sob todos os moldes. Não desdenha forma à sua inspiração. O Canções que a Vida me Ensinou dar a impressão dum ecletismo delicado e sonoro. Verdade é que existe muita ingenuidade [...]. L.da CC. (*Era Nova*, 1925, n. 78).

Aqui, o escritor Câmara Cascudo demonstra carinho pelos versos de Peryllo e diz que ele não despreza forma nenhuma, escreve para todos os moldes e que o seu livro dá a impressão de um ecletismo delicado e sonoro. Outro crítico literário que redigiu uma carta elogiando o livro de poemas, publicado com tantos aplausos e recebido nos meios literários do Sul, foi Saul Navarro. A carta dizia o seguinte:

Rio, 21-09-25 – Meu caro

Confrade Peryllo Doliveira – só agora, neste dia symbolico da entrada da primavera, logo dia dos poetas, é que posso cumprir o gratíssimo dever de acusar recebido lido e apreciado o seu livro de versos, pois viagens e contratempos m'o impediram de fazel-o antes.

Em esterpe, revista hispano-americana que se publica nessa cidade, escrevi umas breves impressões sobre suas canções tão belas e sentimentais.

Mando-lhe com esta um pequeno exemplar. O soneto 'Mãe' que destaquei, é um bello poema de ternura uma joia do coração.

Aqui lhe deixo as flores do meu agradecimento, desejando que a sua vida espiritual, tenha sempre o influxo do dia primaveril de hoje – Do admirador gratíssimo. – Saul de Navarro. (*Era Nova*, 1925, n. 89).

Percebemos que Peryllo era elogiado não só na sua terra, mas também com escritores de outros estados, para se ter uma ideia de como os leitores gostavam e admiravam os seus

versos. Peryllo Doliveira era conhecido como um “poeta triste”. Assim o chamava o escritor Orris Barbosa, que escreveu um artigo para o jornal *A União* em 1930, intitulado “Peryllo Doliveira: poeta triste”. O escritor abordava que Peryllo era uma das expressões mais vivas e harmoniosas da poesia brasileira na Parahyba, que tinha “os cinco sentidos totalmente voltados para colher sensações e emoções para a sua arte”. Para ele, Peryllo Doliveira é “hoje um caso humanizado da cigarra que acabará os dias cantando, mas que não irá, como uma fabula implorar a piedade da formiga feliz e obscura”. Nesse sentido, Orris Barbosa dedica sua amizade a Peryllo, mesmo criticando o seu segundo livros, como vemos a seguir:

[...] amizade que dedico ao autor das Canções que a vida me ensinou, não me impediu, entretanto, que lhe fizesse restrições quando da sua publicação de um segundo livro de poemas aparecido há dois anos.

Effetivamente Caminhos cheio de sol é um pedaço da vida do poeta parahybano em que o autor fez um esforço desesperado e dolorido para se julgar feliz.

A alegria de viver, momentânea, fugaz, illusoria, por um instante illudiu o poeta. Elle agarrou-se a esse alegria – simples pilheria do seu destino – achando boa a vida, bons homens, bom o seu destino...

E procurando sorrir para a vida desse no poema inicial do seu segundo livro, para o homem triste que era ele mesmo:

ergue com a força do teu ritmo

a alegria serena da tua voz.

O livro, nesse tom exaltado de uma alegria passageira, comtudo guarda os traços fortes, fundamentaes, numa ou noutra pagina, da melancolia inabalável que não deixa o poeta. A tortura, a desilusão de viver, a piedade pela miséria humana, continuam a traçar, no sub-consciente do poeta, os desenhos mais sentidos de sua arte.

O poema Perfidia é um exemplo.

Canção triste, A voz cheia de ânsia, Barcarola são outros exemplos.

No poema final, Peryllo Doliveira pergunta, como se penitenciasse daquela falsa alegria, expressada num justo desejo de iludir a tortura interior, de pensar em ser feliz e de querer achar no itinerário doloroso do seu destino motivos para sorrir – Peryllo Pergunta: - Ainda virás Melancolia? (BARBOSA, 1930, n. 213).

Vemos aqui que o escritor Orris Barbosa já não o elogia, mas critica-o, não pela sua capacidade, mas pelo erro que Peryllo cometeu de fazer versos que não combinavam com o que ele estava acostumado a escrever (versos melancólicos e espirituais) em seu livro. Aparentemente, o autor quis passar uma alegria que não era dele, o que não fazia parte do seu estilo.

De acordo com Orris Barbosa (1930), Peryllo Doliveira publica o seu segundo livro acreditando em um momento em que um grupo de ricos paulistas formou um movimento

brincalhão, esportivo. E na *Revista de Antropofagia*, “uma legião de fazendeiros de café começou a fazer pouco dos poucos velhos mais respeitáveis da nossa literatura”.

“Tudo dispersivo, entre risadas inconsequente, quando os talentos que haviam entre esses devoradores podiam fazer alguma coisa. Mas só fizeram estremecer superficialmente, o organismo literário brasileiro” (BARBOSA, 1930, n. 213). Ainda de acordo com o autor, esse movimento, encabeçado pela *Revista de Antropofagia*, desorientou muita gente. É nesse auge que Peryllo “acreditando na sinceridade dos alegres, sportivos, dinheirudos, devoradores que gritavam de alegria selvagem em volta dos mártires de suas pilherias que Peryllo publicou o seu segundo livro” (BARBOSA, 1930, n. 213). Desse modo, Horris Barbosa continua criticando a falsa alegria de Peryllo Doliveira em seu livro:

Perylo Doliveira entrou a admirar essa maneira de ser alegre do grupo de antropófagos. E publicou Caminhos Cheios de Sol, todo recheado de adjetivos festivos e coloridos gritando também: “Sejamos felizes amigos!” e perdeu o tempo dizendo que “a terra é uma oferenda de amor e de saúde, à tua ansiedade, à tua juventude”.

Bom Peryllo Doliveira! Onde a tua saúde percorria, onde a tua juventude envelhecida pela cruel da vida?

Admirável ilusão e enternecido esforço para julgares a vida como devia ser e não como era realmente!

Dentro da alegria do Caminho de Sol, tão falsa mas não menos generosa para encobrir ou disfarçar as tristezas interiores e permanentes do poeta, há sempre um ar melancólico, o livro, esbracejante de alegria, cheio de cores vivas, tem páginas que retratam com exactidão as formas torturadas dos sofrimentos íntimos do autor. O poema Saudade, nostálgico, sereno espiritual! Assim também no poema Horas Ultima (BARBOSA, 1930, n. 213).

Nesse auge de mudanças literárias direcionadas pelos diretores da *Revista de Antropofagia*, Peryllo quis seguir o exemplo e fazer versos diferentes que trouxessem alegria para os leitores, mas que não foram bem recebidos pelo seu amigo Horris Barbosa, que julgou parecer se tratar de uma alegria falsa.

Apesar das críticas a Peryllo em seu artigo, Horris Barbosa (1930) faz o anúncio de que, naquele ano, deveria surgir na Parahyba, mais um livro de do autor, “agora reintegrado à sua bem-amada melancolia que é tão sublime no seu astro”. O livro seria *A voz da terra*. Seria um livro definitivo, “elaborado com todas as forças de sua inteligência, expressando um recolhimento amoroso, integral que canta a terra nordestina vibrando e sentindo com ele todas as suas amarguras criadoras”. (BARBOSA, 1930, n. 213).

“A Voz da Terra” reintegra, portanto Peryllo na sua linha serena de claro espiritualismo, vibratil sincero, comovida perante a vida e as causas. Ahi ele sofre o que a terra sofre registrando todos os sentimentos nordestinos” (BARBOSA, 1930 n. 213).

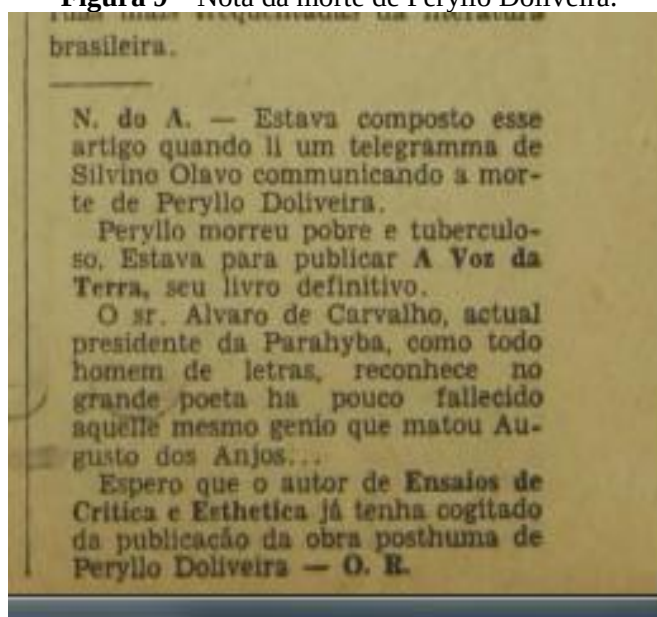
Desse modo, Horris Barbosa (1930) elogia Peryllo e sua obra, dizendo: “Um grande livro de um grande poeta”. Veja como ele se dirige cordialmente para o seu irmão pelo sangue e pela tristeza:

Vem pois commigo  
e escuta o que diz  
essa Voz tão bonita que tu esqueceste  
mas que virou tristeza,  
no espirito da nossa infância  
e derramou-se toda pela nossa vida.  
(BARBOSA, 1930, n. 213)

“Versos serenos de quem está sabendo sofrer a vida, banhados de uma fina, extraordinária, poderosa orientação mystica ao mesmo tempo pantheista. Versos puros, honestos, sinceros, como o próprio auctor, que é um dos espíritos centraes da minha terra sofredora” (BARBOSA, 1930, n. 213). Nesse clima de elogios, o autor faz referência a Peryllo e diz que tem certeza de que os respeitáveis Srs. Críticos, “quando tiverem de novo, defronte dos óculos graves e austeros, mais esse livro de Peryllo continuarão a conceder lhe tráfego livre para que o poeta parahybano possa andar sem ser encommoado pelas ruas mais frequentada da literatura brasileira” (BARBOSA, 1930, n. 213).

Infelizmente, não deu tempo de Peryllo publicar *A voz da terra*, pois faleceu de tuberculose, como vemos em nota do jornal *A União* quando Horris Barbosa estava compondo seu artigo e recebeu um telegrama de Silvino Olavo, comunicando a morte do autor.

Peryllo morreu pobre e tuberculoso. Estava para publicar *A Voz da Terra*, seu livro definitivo”.  
O Sr. Alvaro de Carvalho, actual presidente da Parayba, reconhece no grande poeta há pouco falecido aquelle mesmo gênio que matou Augusto dos Anjos...  
Espero que o autor de ensaios de Crítica e Esthetica já tenha cogitado da publicação da obra posthuma de Peryllo Doliveira. – O. R. (BARBOSA, 1930, n. 213).

**Figura 9** – Nota da morte de Peryllo Doliveira.

Fonte: Jornal *A União*, 1930, n. 213.

Foi um momento de grande tristeza para os seus amigos e os seus leitores, que tanto o admiravam pelo seu talento. Analisando os poemas de Peryllo Doliveira, podemos perceber que o autor escreve para todos os gostos. São versos melancólicos, espirituais, sentimentais, piedosos e amigáveis. Ressaltamos que a transcrição de todos os escritos de Peryllo Dolivera em *Era Nova* está nos Anexos deste trabalho.

### 3.2 Publicações de Crônicas de Peryllo Doliveira na Revista *Era Nova*

**QUADRO 2** - Publicações de Crônicas de Peryllo Doliveira na Revista *Era Nova*.

| ANO  | DATA/NÚMERO       | NOME DAS CRÔNICAS                               |
|------|-------------------|-------------------------------------------------|
| 1923 | 15/01/1923, Nº 39 | Uma Amiguinha Alegre.                           |
| 1923 | 01/05/1923, Nº 44 | Luz Tropical.                                   |
| 1923 | 17/06/1923, Nº 46 | O Doloroso e o Último Capítulo de um Romance... |
| 1923 | 26/07/1923, Nº 48 | Sejamos Elegantes.                              |
| 1923 | 1923, Nº 51       | Cidade dos Jardins.                             |
| 1923 | 1923, Nº 52       | As Mulheres e o Chá.                            |
| 1923 | 1923, Nº 54       | Uma Festa Encantadora.                          |
| 1923 | 1923, Nº 55       | Os Chás Elegantes.                              |

|      |                   |                                                             |
|------|-------------------|-------------------------------------------------------------|
| 1924 | 30/01/1924, Nº 56 | Uma Comparação.                                             |
| 1924 | 02/03/1924, Nº 59 | A Mentira da Lenda.                                         |
| 1924 | 27/03/1924, Nº 60 | O Inverno, o Frio e o Amor.                                 |
| 1924 | 15/04/1924, Nº 61 | Cidade dos Jardins: Uma história que os homens desconhecem. |
| 1924 | 15/05/1924, Nº 62 | Cidade dos Jardins: O silêncio dos sinos esquecidos.        |
| 1924 | 01/06/1924, Nº 63 | Era Nova.                                                   |
| 1924 | 15/06/1924, Nº 64 | Cidade dos Jardins: A gente humilde da cidade.              |
| 1924 | 07/1924, Nº 65    | Cidade dos Jardins: Os grandes, os médios, os pequeninos.   |
| 1924 | 07/1924, Nº 66    | Cidade dos Jardins: Quatro palavras a respeito de Mille.    |
| 1925 | 01/05/1925, Nº 78 | Cidade dos Jardins: Uma idêa.                               |
| 1925 | 01/06/1925, Nº 80 | Cidade dos Jardins: Elegância e caridade.                   |
| 1925 | 15/09/1925, Nº 86 | Mademoiselle Sombra.                                        |
| 1925 | 30/09/1925, Nº 87 | Melancolia.                                                 |
| 1925 | 31/10/1925, Nº 89 | Refúgio dos que recordam.                                   |
| 1925 | 15/11/1925, Nº 90 | A Praça é o sorriso da cidade.                              |
| 1925 | 30/12/1925, Nº 91 | Era Nova                                                    |

Fonte: Elaborado pela autora.

Peryllo Doliveira publicou várias crônicas com o pseudônimo de Paulo Danizio na revista *Era Nova*. Sabemos que o uso de pseudônimo não é algo novo: “Desde os primórdios da imprensa brasileira, observa-se uma tendência para o anonimato, ou uso indiscriminado do pseudônimo, tanto nos jornais da Corte como naqueles existentes nas províncias a partir da segunda década do século XIX” (BARBOSA, 2007, p. 32).

Nesse sentido, segundo Barbosa (2007, p. 33), “vários foram os motivos pelos quais os escritores, tanto daqueles desconhecidos, que contribuíram com a imprensa como os famosos, utilizaram desta estratégia”. Ainda em consonância com a autora, “uma das razões,

a mais óbvia talvez, diz respeito à necessidade de proteção, seja da autoridade, seja da reputação, ou até mesmo, no caso das mulheres, de algum pai ou marido ciumento” (BARBOSA, 2007, p. 33).

Para escrever suas crônicas, Peryllo viveu o crescimento urbano e as mudanças nos hábitos da população de sua cidade. Com as inovações tecnológicas, as mudanças no vestir, os artigos de luxo, como o automóvel, os charutos, que marcam os contrastes na sociedade, as praças, os bondes, os estabelecimentos de cafés e restaurantes representam um ambiente que escolhe os seus usuários. Segundo Almeida (2005), ele observava o espaço que já pertencia ao seu dia a dia, buscando denunciar alterações, relacionando-as ao seu passado.

Para denunciar essas mudanças, ele cria um personagem que tem por nome Paulo Danizio. Usando esse pseudônimo, ele tem certa liberdade de fazer suas críticas e refletir sobre as mudanças que estão acontecendo no seu meio. Para Paulo Danizio, a cidade é vista como a “Cidade dos Jardins”, na qual ele retrata as diferenças sociais, descreve a gente humilde e a elite da cidade, onde “os grandes, médios e pequeninos concretizam no cotidiano a desigualdade das classes” (ALMEIDA, 2006, p. 118).

Segundo a revista *Era Nova* (1924, n. 62), “a alma feminina da Parahyba, por excelência, adora o Paulo Danízio...” É pseudônimo de Peryllo Doliveira. “Chronista de uma poesia elegante de uma doçura infinita em tudo quanto escreve, falando desta sociedade sem alma, apenas sensual [...]”. Além dos poemas e crônicas, Peryllo Doliveira publicou outros escritos, como “Nocturno”, em 25 de dezembro de 1923, “A Viagem Eterna”, em 20 de fevereiro de 1924, na coluna de “Vida Alheia”, em 02 de março de 1924, além de “A dor anonyma de um destino vulgar”, em 31 de dezembro de 1925.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito deste trabalho foi perscrutar a trajetória literária de Peryllo Doliveira na revista paraibana *Era Nova*, no período de 1921 a 1925. Para isso, buscamos saber sobre esse período, as transformações e os desenvolvimentos pelos quais passava a Paraíba nessa época, tanto na instância intelectual, como urbana, tecnológica e na vida social. Esse período de grandes mudanças ficou conhecido como a Belle Époque e veio trazida de Paris. Nesse contexto, jornais e revistas cresciam no cenário da Paraíba devido às novas técnicas de impressão. Foi quando surgiu a Revista *Era Nova*, fazendo muito sucesso entre os leitores.

A revista se transformou num baluarte da literatura moderna paraibana, pela influência de inúmeros poetas, como Peryllo Doliveira e outros. *Era Nova* visava apenas o desenvolvimento literário, cooperando em prol das ideias dos povos cultos, tornando-se um órgão de publicidade que interessasse a todas as classes, tornando a revista de variedades e especialidades que agradava o industrial, o comercial, o leitor burguês e o leitor letrado.

A partir do periódico paraibano, percebemos a criação de um nome através dos impressos, que chamava a atenção dos seus leitores. A participação de Peryllo Doliveira em tal revista foi considerável, pois publicou uma série de poesias, crônicas e outros escritos. Conhecido como um poeta triste, por ser seus versos melancólicos, logo cantava os seus versos para os menos favorecidos e oprimidos pelas suas mazelas. Desse modo, chegou a escrever dois livros de versos sendo muito elogiado e também criticado.

Nas suas crônicas, retratou o cotidiano, buscou denunciar alterações, relacionando-as ao seu passado. Para denunciar essas mudanças pelas quais a cidade da Paraíba passava, ele usou o pseudônimo de Paulo Danizio, pois tinha mais liberdade em fazer as críticas. Nas crônicas, ele via a sua cidade como a Cidade dos Jardins, e retratava as diferenças das classes sociais, descrevendo a elite e a gente humilde da cidade. Era adorado pela classe feminina, conhecido como um cronista e um poeta elegante e de uma doçura infinita. Nesse sentido, podemos afirmar que Peryllo alcançou consagração no periódico estudado.

Concluimos que contribuimos para a retomada do seu nome e dos seus escritos para o meio acadêmico. Entretanto, podemos descobrir mais sobre suas publicações, os elogios e as críticas que recebeu em outros periódicos, livros, pois não foi possível ter acesso a todos do período supracitado. Como este trabalho foi feito em um momento difícil de pandemia, em que todo o mundo parou devido às contaminações do novo Coronavírus, os estudos foram feitos de maneira remota, pois os espaços públicos foram todos fechados. Assim, não

pudemos consultar bibliotecas e outros acervos que seriam de grande importância para a nossa pesquisa, permanecendo apenas com o acesso a material disponível on-line, o que pode ter prejudicado uma melhor versão deste trabalho.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Cecília Fernandes de. Viajante, cronista, e aprendiz de turista: olhares sobre a cidade da Parahyba na década de 1920. In: **Anais do I Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional** – ANPUR. Salvador, 2005, p. 23-27.

ALMEIDA, Maria Cecília Fernandes de. **Espaços públicos em João Pessoa (1889-1940): formas, usos e nomes**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Escola de Engenharia de São Carlos. São Carlos - SP, 2006.

BARBOSA, Orris. Peryllo Doliveira, poeta triste. **A União**, João Pessoa, PB. 14 set. 1930. anno XXXIX, n. 213.

BARBOSA, Socorro de F. P. (org.) **Pequeno dicionário dos escritores/jornalistas da Paraíba do século XIX**. De Antônio da Fonseca a Assis Chateaubriand. João Pessoa: Editora da UFPB, 2009.

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. **Jornal e literatura: a imprensa brasileira no século XIX**. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

DUARTE NETO, Henrique. A recepção crítica à obra de Augusto dos Anjos. **Anuário de Literatura**, v. 5, n. 5, p. 225-240, 1997.

ERA NOVA. Parahyba do Norte. PB, 1921-1925. Disponível em: <<https://www.cchla.ufpb.br/jornaiserefolhetins/eranova1921.html>>. Acesso em 23 fev.2021.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas. 2002.

MADRUGA, Manuel Alexandre. Teatro Municipal de São Paulo: uma joia centenária. 2011. In: PINHEIRO, Luís da Cunha; RODRIGUES, Maria Manuel Marques (orgs.). **A Belle époque brasileira**. Lisboa: CLEPUL, 2011. p. 195-212.

MARTINS, Luiza Ana. Da fantasia à história: folheando páginas revisteiras. **Hist.**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 59-79, 2003.

MOZART, Fabio. Poeta negro paraibano foi o precursor do modernismo. **A União**, João Pessoa-PB, 29 jan. 2017, p. 18. Disponível em: <<https://auniao.pb.gov.br/servicos/arquivo-digital/jornal-a-uniao/2017/janeiro/a-uniao-29-01-2017>>. Acesso em: 25 mar. 2021.

PINHEIRO, Mariza de Oliveira. Anayde Beiriz e as trilhas de sua época (1905-1930). In: Lucena, Ricardo de Figueiredo; ARAUJO, Ricardo Silva.(orgs.).**Conceitos: Comunicação, História, Literatura e Educação**. João Pessoa: ADUFPB, v. 2, n.19, 2013. Disponível em:

<https://www.adufpb.org.br/site/wp/content/uploads/2013/12/REVISTA - CONCEITOS-19.pdf#page=63>. Acesso em: 25 mar. 2021.

RODRIGUES, Alzira de Cassia da Silva. **Percursos do amor e do feminino na revista Era Nova**: Paraíba dos anos 1920. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2014.

SANTOS, Fabiano Rodrigo da. A face disforme da belle époque O monstruoso e a cosmovisão de Eu de Augusto dos Anjos, e de Urupês, de Monteiro Lobato. **Outra Travessia**, Ilha de Santa Catarina, v. 22, p. 55-75, 2016.

SECCO, Carmem Lucia Tindó. João do Rio e o Rio de Janeiro da Belle Époque. In: PINHEIRO, Luís da Cunha; RODRIGUES, Maria Manuel Marques (orgs.). **A Belle époque brasileira**. Lisboa: CLEPUL, 2011. p. 79-90.

SOUZA, Victoria Diniz de. A violência simbólica e o antifeminismo: uma análise da Revista Era Nova (Parahyba, 1920). **Aedus**, Porto Alegre, v. 11, n. 24, p. 367-387, ago. 2019.

## ANEXOS

### ANEXO A – PRODUÇÕES DE PERYLLO DOLIVEIRA

#### Publicações de Poemas em 1921.

##### Via-Lactea (Revista *Era Nova*, 22 de outubro de 1921, n. 14)

Nas noites sem luar, profundas, veludas,  
a Via-Lactea espanha em todo o firmamento  
palpitações de luz, milhares de nebulosas.  
rasgando a escuridão num gesto calmo e lento

Abrindo no infinito estradas luminosas  
e desde o norte ao sul, rompendo o véo nevoento  
ella vem desenhar em nuvens vaporosas  
a refulgência astral do seu deslumbramento.

Toda amplitude se abre em flores de Crystal,  
cujas [...] vão insensivelmente  
disseminando a luz no manto nocturnal...

E a Via-Lactea, assim estendida no azul,  
ao nosso olhar parece rosário respedente,  
[...] o cruzeiro do sul.

##### Na penumbra (Revista *Era Nova*, 15 novembro de 1921, n. 16).

Nostalgia da tarde... O fluido inebriador  
que enches de magua e pranto as almas virginaes  
porque fazes gemer os altos coqueiraes?  
Porque do velho Mar [...] o fragor?

Lanças no corações um sopro inspirador  
que faz a alma subir aos grandes ideaes  
e cantando esculpir estrofes immortaes  
com anseios de luz e beijos de Sol por.

Desdobras sob o céu a mortalha do dia  
e fazes da tristeza a dôce symphonia  
que é o preludio da trava e o epilogo da luz.

Nostalgia da tarde! Es um sonho indeciso...  
e nas cores do poente, impalpável sorriso,  
que os ímpetos da dôr a saudades reluz.

**Aves de Arribação (Revista *Era Nova*, 25 de dezembro de 1921, n. 18).**

Não tarda o inverno e já... no ar as andorinhas.  
vão e vem cortando a altura,  
sobem e descem numa intérmina loucura,  
vendo que a limpidez do estilo vai findar.

E alguns dias depois, batem asas chilreando,  
indo buscar refúgio em paragens distantes...  
E ficam em silencio as torres e os mirantes  
que serviram de abrigo ao fugitivo bando.

As aves tem também revezes no viver:  
as maguas do desterro e o fel da solidão.  
Saudosas, deixam tudo, o ninho, a pátria e vão  
procurar outro céu que não as viu nascer.

Levam comsigo a prole amada mas, no entanto,  
as acompanha a dôr de não verem tão cedo  
o seu torrão natal. E lá no seu degredo  
Ellas cantam, porém, como é triste esse canto!

E uma aria de saudade, uma canção dorida  
onde vibra a tristeza imensa dos proscriptos,  
é um concerto sem fim de gorjeios afflictos,  
em cujos sons palpita a dôr de quem duvida.

Mas, um dia, subindo e distendendo o olhar  
pelo infinito, vêm que o Sol na terra amada  
Ó que imenso prazer! É a tribu alvoraçada  
abre as asas cantando em ancias de voltar.

É imersas na aurea luz de uma aurora de abril,  
volvem ao lar querido as ledas andorinhas.  
E cantam, celebrando a beleza das vinha,  
o divino fulgor do Sol primaveril!

Estas a fabricar de novo os ninhos seus!  
E contemplando o azul que resplende e irradia,  
ellas cruzam-se no ar, numa imensa alegria  
parecendo que estão dando graças a Deus.

**Publicações de poemas em 1922.****Tristemente (Revista *Era Nova*, 01 de agosto de 1922, n. 31).**

Tristeza, minha amiga, eu não me iludo  
sentindo-te de pé, bem junto a mim,  
num silencio de paz e de velludo.

Há muito tempo que eu não vejo assim,  
pallida, austera e com o teu gesto mudo  
dando-me um beijo immaculado e sem fim.

E no teu seio acolho-me, tristeza,  
enquanto o mundo tumultua em festa,

porque és, na minha vida de incerteza,  
a única ventura que me resta...

**Redivina (Revista *Era Nova*, 01 de outubro de 1922, n. 34).**

Por ti gosei o ardor de todas as victorias,  
senti na alma o clarão de todos os fulgores.  
Teu beijo deu-me tudo: espasmos, hymnos, glorias,  
alegrias e sons, perfumes e explores.

Por ti foi que venci nas luctas mais inglórias  
E da coragem tive os estos redemptores,  
Vendo em meu grande sonho as visões incorporeas  
da Graça e da ilusão entre aromas e flores.

Foste o ídolo risonho, a imagem de meu culto  
a cujos pés estive, em silencio, prostrado  
sem escutar da vida o contínuo tumulto...

E ficaste imortal dentro do meu passado,  
Ó meu sonho de môço ainda não sepulto!  
hostia do meu amor no altar de meu passado!

**Valsa 21 de dezembro (Revista *Era Nova*, 01 junho de 1922, n. 27).**

Sob um céu pleno de luz,  
No almo esplendor  
De um sol primaveril,  
Foi que compuz

Deste amor  
 A outrem trama subtil  
 Onde um sonho imortal  
 Vem sempre florescer  
 E reviver,  
 Tão puro e divinal  
 Que nos faz acontecer  
 A crystalização  
 Deste ideal,  
 Desta illusão.

O teu divino olhar é o refulgente altar  
 No qual, minha alma, em oração  
 Vislumbra a sua redenção.  
 De ti é que me vem  
 A inspiração de um bem  
 Que agota a fulgir,  
 Reluz,  
 Como um beijo de luz em meu porvir.

Nossos corações  
 Terão, enfim,  
 De palpar  
 Nas supremas emoções  
 Que este amor há-de um dia nos dar,  
 E, assim teremos, pois,  
 De neste sonho alcançar os dois,  
 A ventura sem par,  
 que certo há-de vir  
 nossas almas unir!

**Cyclo espiritual (Revista *Era Nova*, 24 dezembro de 1922, n. 38)**

Partícula da luz em tenebrosas immensa,  
 o Homem da Vida Humana, entre dores e prantos,  
 se esquece que o sofrer, dentro da sorte adversa,  
 é o resplendente altar onde há-de erguer seu canto.

dentro da Dor blasfema e depois triste e mudo,  
 se põe a percorrer aspérrimos caminhos,  
 completamente só, sem armas sem escudo  
 irradio, rasgando os pés pelos espinhos.

Certo dia, porém, ergue a política fronte  
 de onde gottêja o suor sangrento da desdita  
 e vê boiar no fim do longínquo horizonte  
 qualquer cousa clareando abôboda infinito

E essa luz é uma força em vibrações estranhas  
que impele para a frente e o seu passo acelera...  
e elle transpõe um vôo campinas e montanhas  
como a andorinha que procura a primavera.

Mas adeante descança à margem de uma estrada  
onde há luz e perfume, aves, ninhos e flores  
esta a estrada do ideal imensa, iluminada  
onde passam cantando os sonhos multicores.

Depois também cantando os hymnos da Esperança,  
- chamma divina que o encoraja e revigora  
elle sonha e Vislumbra a Bemaventurança  
nos anseios de mar e nas cores da aurora

E na ânsia de alcançar uma gloria suprema,  
elle mesmo resolve as chagas de seu peito  
e faz do sofrimento o seu excelso poema  
com a divina ambição de um dia ser perfeito.

E agora o Homem compreende a dôr suprema e augusta  
que dantes se tornará atroz, incompreendida...  
Era o cadinho de onde uma crença robusta  
e havia de arrancar os extases da vida.

Homem, medita e vê! Dentro da trava densa  
em que a matéria vive, o espirito, a cantar,  
encontra a Via Lactea onde a Dôr se condensa  
para depois, vibrando, em astros se tornar.

Procura, sonda, escuta, e verás que a tristeza  
não é mais que o repouso, o somno do Prazer.  
Vivem dentro de ti a Harmonia e a Belleza  
de lagrimas formando o que mais queres ter.

Precisas compreender a verdade da vida:  
olha uma flôr que murcha é um fructo que há de vir.  
A noite vence o dia e depois é vencida  
e a lagrima de agora é o riso do porvir.

Dentro da Dôr é que se ergue o templo sagrado,  
o outro templo da Fé e da Resignação  
de onde algum dia, enfim, has-de transfigurado,  
subir para o Thabôr da purificação.

### **Publicações de Poesias em 1923.**

#### **Conselho (Revista *Era Nova*, 01 de março de 1923, n. 41).**

(Este poema se encontra ilegível, só consegui ler a primeira estrofe).

Se és triste, ergue para o alto a tua tristeza  
e conta, pois cantando  
farás com que o sofrer seja mais brando  
e esquecerás, talvez a tua desgraça.

Se és infeliz não chores... ao contrario  
deves sorrir porque sorrindo  
[...]

#### **Pena de Talião (Revista *Era Nova*, 01 de maio de 1923, n. 44).**

Por que razão, sob a arvore do Fado,  
onde sonhámos ter dias felizes  
o fêl amargo e negro das raízes?

E! que, nos dias calmos do Passado,  
invertemos da sorte as directrizes,  
e o Bem foi por nós mesmos transformado  
no Mal, que ora nos faz tão infelizes.

E agora, tristes sombras sem destino,  
sempre presos, num louco torvelino,  
aos desalentos trágicos, supremos.

Vamos chorando e rindo, abaixo e acima,  
sem sabermos que a Dôr que nos victina  
é o retorno dos males que fizemos.

#### **Horas Mysticas (Revista *Era Nova*, 17 de junho de 1923, n. 46).**

Ergo para o alto as minhas mãos ansiosas  
e, no fervor dessa attitude,  
na nudez desse jeito involuntário,  
o meu espirito se ilude  
que os astros são camândulas preciosas  
de um longo e fúlgido rosário.

O céu parece estar mais perto,

Tão perto que, aos meus olhos deslumbrados,  
 Os paramos longiquos, constelados  
 são o tecto de um grande templo aberto  
 onde eu, sozinho, faço  
 a minha prece comovidamente,  
 tendo ao alcance de meu braço  
 esse tesouro refulgente  
 que eternamente brilha,  
 como uma excelsa maravilha,  
 nas distancias interminas do Espaço.

Ai, quem dera que a vida sempre fosse assim:  
 um extase tranquilo e dōce  
 em que eu, de joelhos, olhos no infinito,  
 consagrasse ao silencio de meu rito  
 as minhas horas dolorosas  
 feitas de magua e de agonia,  
 a sentir a suavíssima alegria  
 de, enfim, poder em preces convert-las  
 tendo entre as minhas mãos ansiosas  
 um rosário de fulgidas estreitas!

**Tua Voz... (Revista *Era Nova*, 26 de julho de 1923, n. 48).**

A tua voz, clara e sonora,  
 é para mim como um violino  
 que aos meus ouvidos canta e chora,  
 interpretando o meu destino.

Por escutal-a é que a toda hora,  
 constantemente, a fronte inclino...  
 quando ela vibra a Noite é aurora,  
 a Aurora é luz e a luz é hymno.

Fala! Escutar-te é um sonho brando  
 feito de sons! Fala, pois quando  
 a tua voz no ambiente espalmas

Penso que ficam transfundidas  
 numa só alma as nossas almas,  
 numa só vida as nossas vidas.

**Sonho – Reflexo do infinito (Revista *Era Nova*, 1923, n. 49).**

Dentro do meu silencio augusto e grave,  
 como outros muitos, pude erguer um dia  
 em grande templo onde minha alma, em suave

mysticismo e sem canto ao céu erguia  
 Entretanto, o meu sonho, em vôos de ave,  
 quis vencer tudo quanto lhe prendia  
 as asas quis transpor, qual uma nave,  
 o infinito da sua fantasia.

E voôu!... Mas, onde o fim desta escalada?  
 desta sôie de luz ilimitado?  
 -interroguei. E ele parou afflicto...

Parou e, enfim, por entre os astros, a ésmo,  
 desceu, vendo que esta ânsia de infinito  
 era a busca improfícua de si mesmo.

**Natal (Revista *Era Nova*, 25 de dezembro de 1923, n. 55).**

Naquella noite, aos céos profundos da Judéa  
 dava um novo astro o resplendor de nova luz,  
 Para Behleem, desde Saaran a Arymathéa,  
 se dirigia a multidão, chegando a flux.

Vieram pastores dos confins da Galiléa,  
 Cordeiros ternos solerepondo aos hombros nós,  
 E vieram reis, com os seus cortejos de epopéa,  
 Trazer incenso, ouro e perfumes a Jesus.

Todos o viram, de alma alegre e olhar risonho.  
 Todos porém, ainda ignoravam, na verdade,  
 Que ao cumprimento dos designios do Senhor.

Jesus faria do seu sonho o maior sonho  
 E que, para Elle redimir a Humanidade,  
 A sua dôr devia ser maior dôr!

**Publicações de Poesias em 1924.**

**Transfiguração (Revista *Era Nova*, 24 fevereiro de 1924, n. 58).**

Dentro da eternidade a Vida Humana é apenas,  
 por longa que pareça, um caminho de dôr  
 bendito as almas puras e serenas  
 que vivem para um sonho superior

E o sonho mais perfeito é aquelle que consiste  
 em ser grande na magua que o angustia  
 e em ser bello na angustia a que se affez.  
 É o sonho que, por ser profundamente triste,

tem na própria tristeza a mais alta alegria  
e tem nessa alegria a sua esplendidez.

Só os que buscam a felicidade dentro do sofrimento,  
poderão ter, como Jesus,  
a alma plena de goso e de deslumbramento  
porque imensa agonia que os invade  
é que algum dia as coroará de luz.

No entanto, os que são fracos e cobardes  
jamais hão-de sofrendo, compreender essa beatífica alegria  
dos que marcham sem gritos, sem alarmes,  
gosando na amargura que o crucía  
a suprema ventura de viver...

São fortes de espírito, os atletas  
da Paciência e Bondade  
que entesonhando glórias mais completas,  
hão-de murchar, vencer, subir  
ao alto cume da Serenidade,  
integrados na Dôr que os há-de redimir.

Esses, que são os paladinhos  
de um sonho esplendido e imortal,  
ascenderão, entre aleluias e hymnos,  
cheio de fé, aos paramos do Ideal.

Ideal! Eis a montanha que subimos  
fugindo aos Lales e fugindo à Treva  
que aquém dos nossos passos ficarão.  
e a Dôr é a sombra amiga que nos leva  
à transcendência dos mais altos cimos  
desse Thabôr onde a alma, emfim transfigurada,  
se eleva para Deus, em rutilla escalada,  
de glorificação em glorificação.

**Mãe (Revista *Era Nova*, 27 de março de 1924, n. 60).**

Que importa andar assim, de tropeço em tropeço,  
se no teu gesto eu tenho o amor que te mereço!?  
Não sei a que compare o amor que te mereço...  
- O amor de Mãe não se compara, nem se diz...!

A tua bençã, Mãe, é o bem de maior preço  
que na vida possuo, é a força geratriz  
que me vigora, é o Sol a cuja luz floresço  
e fructifico como uma arvore feliz.

Que consôlo sem par do teu sagrado affecto  
 -synthese germinal dos sonhos que architecto  
 por toda parte e sempre os passos me acompanhe!

E'já que o meu viver no teu se consolida,  
 Eu – fructo de teu ser – só desejo ter vida  
 enquanto me restar a gloria de ter Mãe.

**Calvario (Revista *Era Nova*, 15 maio de 1924, n. 62).**

É tão alto este monte! É tão grande esta cruz!...  
 alheia a minha dôr, em loucas gargalhadas.  
 a multidão dos mãos atira-me pedradas.  
 procurando ferir meu peito a braços nós.

Um cyrineu sequer mêm passos conduz,  
 as minhas faces, que de sangue estão banhadas,  
 lavo-as, apenas com as lágrimas choradas  
 que brotam do olhar como gotas de luz.

Subirei, sem um ai, o calvário da vida,  
 e buscarei vencer a angustia que me invade  
 antevendo na Morte a minha redempção.

E no entanto, quando eu Vencer esta subida  
 para os homens terei um olhar de piedade  
 dando-lhes neste olhar meu último perdão!

**Da Villa Branca em que Nasci (Revista *Era Nova*, 15 junho de 1924, n. 64).**

Erguida sobre o dôrso azul da Borborema,  
 a villa em que eu nasci  
 e um luminoso, um pequenino poema  
 de encanto e graça.  
 Nas minhas claras de verão ardente  
 quando o Sol, como um Deus adolescente,  
 entre as caricias fúlguras, a abraçar,  
 ella esplende e sorri  
 É que o Sol nella tem noiva amada,  
 - a Preferida, a Eleita  
 da sua luz, do seu amôr.

Todos os dias ella o espera insatifeira,  
 ansiosa de carinho e de fulgor,  
 guardando em cada boca, em cada  
 ninho um sonoro canto de alegria

com que celebra a gloria da Alvorada  
e o triumpho esplendido da Luz.  
E que o deslumbramento na scenographia  
da paisagem que os olhos inebria!  
E que milagres de harmonia  
o Sol na alma dos pássaros produz!

Sobre ella a Noite tece,  
com as suas mãos de sombra, uma grinalda  
de estrelas luminosas.  
Ou desfralda  
um véo merífico de luar.  
E as casas brancas, silenciosas,  
sob o brilho dos astros reluzentes,  
parecem monjas penitentes  
que estão de joelhos, a rezar.

Na penumbra das minhas nostalgias,  
evoca-a beijo-lhe a lembrança  
lembro as minhas primeiras alegrias  
alegrias ruidosas de crença  
que por insunecto, canta e ri...

Mais tarde, apenas a tristeza  
de ver minha aldeia desaparecer,  
ao longe, sob a nevoa fina  
do amanhecer,  
e o esfumado perfil de uma colina  
Aase interpor  
entre ella e a minha dôr...

Hoje, na tela de oiro da Memória,  
meu pensamento descortina  
a minha aldeia branca e pequenina,  
num fundo de paisagem merencória.  
É, ao recordal-a, sinto que me invade  
uma suavíssima melancolia  
que me espalma  
e se amplia  
na beatitude do meu mundo interior...

A Villa em que nasci é uma iluminura  
que fulgura  
dentro em minha alma,  
no Livro de Horas da Saudade.

E há-de sempre fulgir em luz de côr,  
em beleza e em perfume.  
porque na sua imagem se resume,

de modo mais completo,  
a história emocional do meu primeiro amor!

### **Publicações de poemas em 1925.**

**Como outrora em Samaria... (Revista *Era nova*, 01 de maio de 1925, n. 78).**

Dá-me em teu cântaro de argila  
um pouco de água frêscas.  
consente que meu lábio se humedeça  
por que meu sofrimento diminua,  
que eu mate a sede sem água que estenua  
para que eu tenha a alma tranquila...

- Ninguém, viajor, bebeu ainda  
da água que vive nesse poço  
[...]  
O seu sabôr é só por mim provada  
e a doçura que guarda é só por sentida.  
Como pois, queres que eu atenda a tua queixa?

- Mulher, como angustiam as palavras que eu ouço  
Dá-me um pouco dessa água e deixa  
que, em troca, eu deite em tua boca  
a água viva que é o vinho baptisma da vida:

a água lustral que se faz fonte  
e, límpida, se alteia  
e atinge, em gotas de ouro e de Crystal,  
a eternidade da Belleza  
e a bem-aventurança eterna do Ideal.

- Viajor... toma o meu canteiro de argila  
e mate a sede atroz que te aniquila...  
Bebe... porém, depois, derrama em minha boca  
a água viva que o vinho baptismal da vida.  
O anseio de beber-a me treslouca  
numa sede indizível de ternura.

- Em verdade, mulher, só para ti guardei-a.  
Bebe... bebe desta água viva e pura  
que para ti é como um vinho saboroso,  
efervescente, inebriador  
de que meu coração é uma amphora cheia.  
Bebe em meu coração a água viva do Amôr!

***Canção triste (Para o álbum de mille. Ninalla Freire) - (Revista Era Nova 01 de agosto de 1925, n. 84).***

Não procura a alegria  
que sonhaste certa vez...  
Ella há-de vir algum dia:  
amanhã... hoje talvez.

Esquiva como a beleza  
de uma bolha de sabão,  
se a tocares, com certeza,  
morrera na tua mão.

Ella é assim o eterno almejo  
de tudo que a gente quis...  
vive apenas no desejo  
de quem sonha ser feliz.

A alegria que sonhamos  
vem aos poucos devagar  
e como fructo nos ramos  
custa muito a sazonar...

Chega um dia de repente,  
sem dizer por onde andou:  
mas, aí, como é diferente  
daquilo que se esperou!

A alegria é o eterno almejo  
de tudo que a gente quis:  
vive e morre no desejo  
de quem sonha ser feliz.

***A Rosa... (Revista Era Nova, 15 de agosto de 1925, n. 85).***

Era a rosa mais bela do meu jardim e era, entre todas, a maior.  
Ao vir do sol, um bando loiro e aligero de vêspas  
bailara em seu redor.  
Sobre o seu galho  
um passarinho errante, em notas de oiro e de Crystal,  
erguêra à luz seu canto matinal  
Suas pétalas crespas,  
luminosas de orvalho,  
dir ser iam lábios ávidos, unidos para um beijo.  
E, naquela manhã cheia de claridade.  
Vendo-a, pensei em ti, no teu desejo.  
no teu amor que apenas foi uma ilusão...  
E então,

ante os meus olhos cheios de saudade,  
a rosa,  
numa agonia dolorosa,  
tremeu, curvou-se sobre o próprio galho  
e, ainda húmida de orvalho,  
desfez-se em pétalas e lágrimas no chão...

**Epigraphes (Revista *Era Nova*, 30 de setembro de 1925, n. 87).**

(Segue uma parte do poema, o restante estava ilegível)

No livro negro do meu sofrimento,  
um dia achei, inesperadamente,  
a incógnita de todos os destinos...  
E sorri para os homens compassivamente.

Que pena  
a coisa que eu habito  
ser tão pequena,  
dentro dela, porém, eu ponho  
a eternidade do infinito  
- meu sonho.

Dentro da noite ergui ao céu as minhas penas,  
E, enquanto as lágrimas caíam dos meus olhos,  
O céu está se abrindo em astros sobre mim.

A sombra ficou suspensa  
Sobre as torres altivas, da Cidade.  
Em baixo – movimento, claridade  
Em cima – sonho de astros fulgoroz distantes...  
Além – a treva imensa....  
Ea alma sahindo pelas [...].

## **ANEXO B - PUBLICAÇÕES DAS CRÔNICAS DE PERYLLO DOLIVEIRA COM PSEUDÔNIMO DE PAULO DANÍZIO.**

### **Publicações de Crônicas em 1923**

**Uma Amiguinha Alegre (Revista *Era Nova*, 15 de janeiro de 1923, n. 39).**

Hontem, à tarde, saí de casa levando nos lábios o mesmo sorriso suave e triste de todos os dias.

Dirigi-me à praça Venancio Neiva, um silencio muito longo se estivera sobre os canteiros verdes. O sol descendo para o sorvedoiro do oceano, [...] o fundamento com pinceladas côr-de rosa.

O céu era uma enorme taça de porcelona azul entornado sobre a terra o liquido preciosos da luz crepuscular

Uma silhueta, sequer, não apparecia...

Que tristeza...!

De repente, surge o grandioso perfil de Mille. M.S. Seu passo meúdo resôa dentro do silencio rithmadamente.

A sua beleza adolescente empresta uma suavidade encantadora à praça quase deserta [...].

- Oh por aqui meu amigo?

E minha mão apertava levemente os seus dedos róseos de veludo.

- Que felicidade encontrar o seu sorriso alegre na serenidade triste desta tarde de verão?

- Pois para mim a tarde de hoje é mais linda de que todas as outras

- Quem está triste é você meu amigo...

A tristeza, lembre-se disto, é um corvo que só se agasalha dentro das almas doentis. A alegria é saúde. Seja alegre portanto.

- A alegria demasiada torna-se frivolidade.

- Muito obrigada pela parte que me toca...

- Oh, não... eu não quiz...

- A alegria demasiada torna-se frivolidade.

- Muito obrigada pela parte que me toca...

- Oh, não... eu não quiz...

- meu amigo a vida é um pôço cujo fundo não devemos auscultar. Nelle o que nos deve seduzir é apenas o perfume, embora passageiro, dos lótus que lhe florescem a superfície.

- Isto é uma verdade que não convém a todos...

- Porque nem todos sabem viver...

E sorridente, apertando-me a mão:

- Venha fazer o “footing”, hoje a noite, aqui na praça, e verá que muitas vezes, a felicidade consiste na frivolidade de um momento que passa Adeus...

E a minha amiguinha se afastou risonhadamente, deixando nos meus olhos tristes um reflexo de alegria, e no meu olfato o perfume redolente do seu corpo de bonequinha de Tanagra.

Deixou-me, enfim, um resquício luminoso de felicidade dentro da alma...

**Luz Tropical (Revista *Era Nova*, 01 de maio de 1923, n. 44).**

Manhã de domingo... A cidade, há pouco desperta, banha-se na luz do sol, erguendo para o céu os seus coqueiros esguis e farfalhantes.

As casas têm ar pacífico de um rebanho deslumbrado em extase... Repicam sinos. Com direção às igrejas, passam homens, mulheres e crianças.

Três lindas criaturas, no fulgor no fulgor de sua adolescência gloriosa, passam levando a alma trans

bordante de alegria que lhes espoucam na bôcca transformadas em risos claros de Crystal.

Passam outras e mais outras e todas levam entre os lábios cor de lacre o tranquilo prazer de quem nasceu somente para ser feliz.

Há em tudo uma alegria encantadora. A luz derrama-se do alto, corre pelas calçadas, pelos telhados, brilha nas folhas lustrosas das nossas artérias e vibra em nossos nervos.

A Luz é o abraço nupcial que o céu envia a terra.

E os homens que aqui vivem, arrastando as suas dores, vê o mundo mais bello e as mulheres mais formosas.

E os poetas cantam amando todas as mulheres... A Luz e o Amor! O amor é o Cântico dos Cânticos da Vida!

**O Doloroso e o último capítulo de um romance... (Revista *Era Nova*, 17 junho 1923, n. 46).**

É para os seus olhos nostálgicos que escrevo esta chronica, minha boa amiguinha. Para os seus olhos sim, porque somente eles saberão compreender o que não quero dizer.

No emtanto ficarei triste sem saber que uma das suas lagrimas cahi sobre estas palavras que agora nervosamente escrevo.

Eu já sei tudo, tudo: a nossa amiguinha, aquella amiguinha que conosco palestrou domingo, à tarde, fez me saber um pouco da sua dolorosa história, história de dois dias que lhe valeram séculos.

Fez-me saber um pouco e eu adivinhei o resto.

E o que é mais doloroso é pensar que você poderia ter evitado tudo se não tivesse ido àquele baile do Astrêa. Lembra-se você, minha amiga, daquela noite em que o via pela primeira vez. Lembra-se, certo. Eu também me lembro daquele momento em que você tremendo apertou as minhas mãos nas suas mãos, daquele instante em que sua voz ciciou oas meus ouvidos estas palavras rápidas, prometes alegres, desvairados: Olhe, veja.

É ele o meu Sonho! E Aquele olhar, é aquella fronte soberana, é aquella porte magnifico, que concretizam o ideal que me acompanham pela vida afora.

Olhe! Que suavidade encantadora naquelas pálpebras serenas, quando baixam parecendo dizer. Amo!

A! que felicidade!

Lembro-me de tudo, caríssima gentil amiguinha, é a minha alma, que é a irmã da sua também sofre... sofre muito.

Mas esqueça... é o único remédio.

E tenha piedade dele, que talvez também soffra como você.

Aquella outra, que o ama talvez não seja – quem sabe? A visão querida dos sonhos que ele sonha. Talvez...

Receba a reticencia deste talvez como um consolo, o maior e mais [...] consolo que desde, deste canto de página, lhe envia o seu melhor e verdadeiro amigo.

**Sejamos Elegantes (Revista *Era Nova*, 26 julho de 1923, n. 48).**

(Não deu para ler toda a crônica, estava ilegível). Segue excerto.

- Calcule que a Cacilda Ortigão, o Adacto Filho, dois cantores de mérito, artistas conscientes do seu valor. Rosalina Lisboa, poetisa incomparável, estiveram aqui e uma família sequer, não se indignou de convidar um deles para uma festa, um chá, onde houvesse um pouco de espiritualidade...

Pensa que eles não reparavam nisto? Repararam sim! Na próxima chronica diga alguma coisa sobre isto, por favor. A vocês jornalistas compete esta missão.

- Será satisfeita seu pedido

- Obrigada! Adeusinho.

E ahi fica, com a minha solidariedade, a censura da minha distincta amiguinha. Sejamos elegantes!

**Cidade dos Jardins (Revista *Era Nova*, 1923, n. 51).**

Já passaram as manhãs frias de junho e julho e com ellas se fôram a impertinência das garoas e o sopro novalhante dos ventos hibernaes. E a Natureza agora sob a caricia ardente do Sol palpito em frenetos epihalamicos e canta como uma virgem adolescente, que sentisse penetrar-lhe [...].

Os jardins no esplendor das suas folhagens viridas cantam pelas bocas vermelhas das primeiras rosas a canção gloriosa da côr e perfume. Sobre o seu canteiro, leitos nupciaes das violetas e dos mysosttes – a relva [...] um manto côr de esperança e sobre este manto a última florada dos jasmineiro [...] de minúsculas estrellas.

E sob o milagre luminoso destas manhãs claras, a nossa querida cidade, com os seus palacetes, com os seus bairros pobres, a sua gente simples e boa: com as suas praças amplas – sorri sob a bençã azul do céu profundo, que se distende cada vez mais, como para abrigar todos os nossos ideaes, todas as nossas alegrias, todas as nossas esperanças.

Sobre ella pairar, na fluidez da luz, nos átomos da atmosfera, a proteção dos deuses, espalhando sobre nossas cabeças as mais felizes, esplendidos destinos, pelo triumpho do Pensamento: ahi a inteligência elabora os produtos do talento, esculpindo na língua de Ruy Barbosa a grandeza dos nossos sonhos, a história da nossa alma – sorrindo de belezas ainda não prevista.

Espíritos emigrados do paiz do Sonho, onde a Perfeição esplenda como o reflexo maravilhosos, emanados do Divino do Absoluto humanizaram-se e aqui [...] contar o que viram em outros avatares, em outras [...] mais virgens almas plenas de inocências e feitas para o Amôr unisonamente, entoam com elles as mesmas canções ardentes, apaixonadas e, ao mesmo tempo, simples, puras e cinceras.

É a aleluia do Amôr, o hymno vibrante dos corações moços, sonhando e bemdizendo o futuro das vindouras gerações.

Cidade dos Jardins! Como te chamam os forasteiros sob o fulgor deste Sol de setembro eu te bendigo, vendo o esforço dos teus homens rudes, porem simples e bons! Capital da terra do meu berço! Eu te amo, vendo o sorriso dos teus velhinhos, felizes sob o tecto protetor dos teus asylos de beneficência! Amo-te quando os meus olhos contemplam os teus jardins e os teus palácios. Adoro-te admirando os teus filhos gloriosos, os teus homens de talento, os teus martyres, os teus heroes!

Parahyba! Recanto delicioso da terra brasileira, princesa do nordeste [...] abençoado do continente Americano, eu te bendigo, unindo o meu entusiasmo ao entusiasmo da tua mocidade e glorifico-te ajoelhando ante à beleza das tuas virgens e beijando a fronte altiva dos teus Poetas!

**As Mulheres e o Chá (Revista *Era Nova*, 1923, n. 52).**

Para sermos um meio elegante ainda nos falta muitas coisas. Tirem-nos [...] e a retrêta, e, certo, faltar-nos-á o único alimento de que se nutre a nossa alma faminta de diversão.

A Parahyba não tem um ponto chic.

Aqui não se tomam os chás das quatorze horas.

As nossas patrícias ainda não se coadunam com o hatibo ultra elegante de frequentar os cafés, os restaurants. E eu lhe dou razão!

Porque qual é o estabelecimento deste gênero, entre nos digno da presença das nossas melindrosas?

Realmente nenhum.

Que delicia sorver um pouco de chá, de chocolate, aos poucos, vagorosamente, ouvindo uma bello trecho de música! Disto, por agora estamos livres porque a orquestras que se exibem no café Rio Branco e Moderno, são, em vez de um chamariz, um espantalho ouvil-as é, portanto um sacrifício.

E as moças elegantes da nossa terra não se querem sacrificar. Fazem muito bem.

Tem toda razão.

E perante isto, a conclusão logica é que não devem frequentar os cafés.

Eis a triste, a dolorosa verdade ainda não podemos ser elegantes.

Portanto, deixemos tudo como está cada um se consola com o que Deus lhe deu, ou ainda não lhe deu. A mulher precisa de estar num ambiente em tudo propicio à sua elegância a delicadeza de sua alma, num ambiente que tenha qualquer coisa de sutil, de leve, de gracioso, de útil, final.

Que os proprietários dos nossos cafés procurem tornal-os elegantes isto é, femininos.

**Uma Festa encantadora (Revista *Era Nova*, 1923, n. 54).**

Uma festa de comemoração do aniversário da inauguração do Café Moderno do proprietário sr. Hildebrando de Moraes.

(Não deu para ler o texto, está ilegível)

**Os Chás elegantes (Revista *Era Nova*, 1923, n. 55).**

- Olá !!!

- Senhorita, passa bem?

- muito bem! Aceite os meus parabéns. Até que enfim.

É a minha excelente amiguinha, com a mais sincera das alegrias, sorria e apertava as minhas entre as suas mãos fidalgas com modos tão amistosos que me fizeram perder a calma e arregalar os olhos, creio que desmesuradamente.

- Mas, perdão... De que se trata?

- Não sabe? Trata-se do chá, do chá.

- Heim?

-Oh! Você parece ter acordado agora?

É somno isto? Trata-se do chá, meu caro.

O chá elegante, o chá tão desejado, o chá das oito, o chá parahybano, o chá do “Moderno” do Hildebrando.

-Ah! compreendo! Mas... os parabéns?

Porque?

- Sempre modéstia. Quererá dizer que não foi aquella chronica “As Mulheres e o chá” que escreveu na “Era Nova”.

- Creio não ter sido...

- Pois foi! Mesmo concordando que as suas palavras não tenham sido um estímulo, cabelhes, contudo a gloria de ser o único que tratou do assumpto. E eis ahi a razão dos meus parabéns.

- Muito obridada, minha boa amiguinha.

Mas, ao que me parece, houve apenas um.

- Um quê? Haverá mais. O proprietário do “Moderno” já fez publicar que, de hora, por diante, teremos outros.

- Ah! bem.

- E ainda - há sujeitos, como um que outro dia me apareceu que dizem que suas crônicas são fúteis. Eles não sabem que o cronista mundano é um historiador dos costumes. Era um coitado como muitos outros”. [...].

### **Publicações de Crônicas em 1924.**

#### **Uma Comparação (Revista *Era Nova*, 30 de janeiro de 1924, n. 56).**

O amigo que ia commigo já me havia contado as passagens mais trágicas da sua vida de moço pobre e idealista que a todo custo queria alcançar a plena satisfação dos seus nobilíssimos desejos. Que peripécias, desenganos e estoicismo! Dizia. E o pior é que talvez envelhecesse sem nunca chegar ao ápice do seu sonho.

O bonde em que viajávamos já havia parado umas quatro vezes e o seu amigo desejava alcançar o trem das 7 e 40, onde viajava uma pessoa das suas relações, no entanto o maldito bonde não queria chegar. Esbarrou pela quinta vez e, desta feita, se ficou definitivamente em frente ao quarteirão do 22B C.

Cançados de esperar os passageiros começaram a descer do veículo. O meu amigo seriamente aborrecido, também resolveu saltar. E com uma suave tristeza nos seus olhos sonhadores e um leve sorriso nos lábios disse terminando a sua história:

- Pois é meu caro, a vida é assim como esse bonde, que nunca nos conduz ao lugar onde queremos chegar.

Desde esse dia, então não sei por quê quando subo num dos nossos bondes comparo-o ao destino de certas criaturas infelizes que, apesar dos esforços empregados não as leva ao cimo das belas coisas antesonha.

E é mesmo assim!

A gente anda pela vida como se estivesse dentro de um bonde da Tracção, Luz e Força... pois apesar de não sairmos dos trilhos do dever quase sempre não podemos chegar ao ponto desejado.

Quando a Dôr deixa de ser a ânsia [...] dos desejos da Terra. Torna-se a esperança interminável do céu. E então vamos em subida em subida em busca do mais alto, mais longe, do incançavel, do absoluto. É que podemos ver que a Vida Humana [...] um degrau na escada da eternidade. [...].

**A Mentira da Lenda (Revista *Era Nova*, 02 março 1924, n. 59).**

Arlequi morava commigo no mesmo hotel, no mesmo quarto.

Era um dos meus melhores amigos, chama-se Arlequim porque além de gostar muito das Colombinas, tinha o mesmo jeito para as conquistas, a mesma elegância, o mesmo cinismo atribuindo a essa legendaria personagem.

Chagára o carnaval. Elle vistira-se de Arlequim. Nunca vi encarnação mais perfeita. Falava-lhe uma Colombina.

Achou-a no domingo de carnaval. E os seus amores iam de vento em popa.

E Arlequim, realmente, parecia estar apaixonado. Parecia e estava.

Na terça-feira gorda, porém, encontrei-o profundamente triste.

- “Estás triste, Arlequim? O que é isto?

- O que há-de ser? Só o amor pode entristecer um Arlequim

- Ah! foste desprezado...

E ele contou-me toda a sua história.

Tinha sido uma loucura o seu amor.

Uma dessas paixões que ferem, queimam, gritam, desesperam.

- ante-hontem, domingo, eu quis beijal-a.

Ella tremendo, escondeu-me a sua boca.

Foram inúteis os meus esforços. “Amanhã”

-disse – A meia noite.no pavilhão do jardim. E hontem...

Arlequim não pode terminar. Disparou em soluços.

Ora, Arlequim... acalma-te, disse eu.

Esqueça. Julguei que não amasse tanto.

- e hontem: - continuou elle, parecendo não me ouvir, - à meia noite, quando esperava no pavilhão, vi-a beijando o rosto branco de um Pierrot. Beijava-o com tanto ardor que os beijos me chegavam aos ouvidos, penetrando-me a alma como punhaes.

- Oh!, mas é inacreditável!

- disse eu, desapontado.

- Sim, é inacreditável, disse Arlequim enxugando as lágrimas.

- Quem diria! Um Pierrot amado...

Um Arlequim desesperado...

Quem diria!

É isso, meu amigo – Ajuntei eu pondo-lhe a mão no hombro - O amor não obedece à tradição.

- Sim, sim. É isso mesmo... – Arlequim levantou-se – Todo se vê no século vinte.

- Não Arlequim estas coisas sempre sucederam. A lenda é uma mentira.

Eu creio, A tristeza de Pierrot, o amor, de colombina, a alegria de Arlequim, tudo isto é uma mentira... que a mulher encarna personifica muito bem...

### **O inverno, o frio e o amor (Revista *Era Nova*, 27 de março de 1924, n. 60).**

Approxima-se o inverno. Que ele nos seja bemvido. E com ele vem o frio que é o prazer dos nossos poros, a volúpia, a alegria da nossa pelle.

E o frio é paradoxal, nestas bemditas paragens do Equador. Emquanto nos arrepia a epiderme com o seu beijo glacial acende dentro de nós a chama do amor. Sim, ele é paradoxal.

- E fiz dois versos rimados sem querer.

Amor, Equador, Glacial, paradoxal.

É isto mesmo. Quando se fala do amor, o verso nos canta nas palavras e as rimas no bico da pena.

Mas voltemos ao inverno e ao frio. Bemdigamo-los pelos prazeres que nos concedem.

Para mim nada mais encantadoramente elegante que as noites de chuva são motivos de elegância.

São, portanto, o triumpho mais bello da Moda.

Nada mais delicioso que a gente estar à porta de um cinema, de um theatro, numa noite de garôa. É um bello espetáculo.

De vez em quando chega um automóvel. De dentro dele solta uma linda mulher tendo o pescoço envolto numa pellica. Dá-lhe o braço um cavalheiro de sobretudo é melhor dizer pardessus-sorridente, orgulhoso da beleza do seu par.

Depois outro automóvel, outro mais outro e ainda outro. Centenas, como diria Raymundo Correia. E todos esses veículos, silencio sibilando as rodas do carro: chiiii... chiiii Sob as nossas cabeças, a chuva canta na capota do auto uma canção que somente os nossos nervos compreendem. É a mesma canção que cantam as goteiras batendo nas pedras das calçadas tra, lá, lá, lá, lá lá.... e que a gente ouve do leito. Esta cantiga só é detestável quando

se está só. Em vez de uma cantiga de amor, se torna uma alegria. É um canto de saudade aquella que não veio... gosto do inverno, quando o frio é aquecido pelo amor.

**Cidade dos Jardins – Uma História que os Homens Desconhecem (Revista *Era Nova*, 15 de abril de 1924, n. 61).**

Cada dia que passa, acho-a mais linda e mais gentil.

Ella é a cidade da graça, do sonho, da alegria e do trabalho.

Graciosa com as suas arvores podadas, com assuas mulheres elegantes, sonhadora, com os seus poetas, com os seus pintores, almas emigradas do paiz da da fantasia aqui chegadas para a alegria dos nossos sentidos.

Alegre com as frondes sonoras das suas arvores onde os passarinhos cantam sonatas de Bethoven e Scherzos de Chapin Rabalhadeira com a energia, com os músculos rígidos dos seus operários, heroes, anonymos de sua alegria, constructores abnegados do seu futuro. È uma cidade elegante, Tem um ar de recanto, de innocencia, de pureza. Tanto e assim, que se afastou do Atlantico, parecendo não querer, por um excesso de pudor sentir a caricia verde das ondas impetuosas, o beijo impudicamente branco das espumas inquietas.

Por isso, as noites de luar, ella, na beatitude do seu silencio ouve os gemidos do Velho Mar que, ancioso por beijal-a, soluça, grita, chama-a, desespera-se.

O Cabo Branco, como um pae amoroso e venerável, interpoz-se entre ella e o Mar, na attitude secular quem defende um tesouro imaculado com a energia adamastoreana do seu carinho paternal.

O velho Cabo, porém, sente que os seus músculos de pedra se pulverizam, diluindo-se, desfazendo-se, ante a loucura oceânica do Atlantico que, diuturnamente arroja contra ele o furor indômito dos seus músculos de agua, O hercules quer veacer, como cavalleiro medievo, todos os obstáculos para beijar os pés daquela que é a princesa dos seus olhos.

A cidade, entretanto, descuidada e feliz, entrega-se toda ao carinho do Parahyba que, deitado aos seus pés, vae contando baixinho a sua vida aventureira.

Elle vem de muito longe vencendo todos os espaços, todas as peripécias. Sonham um grande amor que sabia existir muito distante do seu berço, e partiu. A margem do seu caminho encontrou muitas cidades. Nenhuma dellas, porém, era a eleita do seu amor. Caminhou, caminhou, até que um dia, ouviu que os homens pronunciavam o nome da cidade

querida, há muito antesonhado: Felippeia! Felippeia! E ele, o Rio apaixonado, beijou-lhe os flancos verdes e perfumosos e ficaram para sempre unidos. Depois das festas nupciaes, ele déra o nome glorioso: Parahyba.

E, assim, dia e noite, o Rio conta à cidade-esposa a sua longa história, a história do seu amôr.

E enquanto os dois se beijam, o Atlantico soluça ao longe a sua magua eterna File é tão velho! E o Rio é moço.

É moço como a cidade que a desposa.

e perfumosos e ficaram para sempre unidos. Depois das festas nupciaes, ele déra o nome glorioso: Parahyba.

E, assim, dia e noite, o Rio conta à cidade-esposa a sua longa história, a história do seu amôr.

E enquanto os dois se beijam, o Atlantico soluça ao longe a sua magua eterna File é tão velho! E o Rio é moço.

É moço como a cidade que a desposa.

É este um pedaço, apenas da longa história da cidade, que os homens ainda não conhecem. Está muito mal contada, bem sei.

Está, entretanto comprehensivel.

Um dia algum poeta há de surgir para canta-la em versos primorosos. Quando isso acontecem, a Cidade agradecida, há-de beijar, pelos lábios dos seus habitantes, a fronte desse poeta predestinado que há-deser o glorificador de sua gleba, do seu paiz, da sua raça.

**Cidade dos Jardins - O silencio dos sinos esquecidos (Revista *Era Nova*, 15 maio de 1924, n. 62).**

Nada mais triste do que um sino que se condemna à eternidade do silencio!

Os sinos são integrantes das alegrias e das tristezas da cidade.

Nos christãos damos graças a Deus pela bôcca dos sinos.

[...].

Haveria perdão para o malvado que por um capricho inédito prohibisse a um pássaro de cumprir a missão mais bella do seu destino cantar?

E merecia perdão o desalmado que por um caprichoso ineditismo, prohibisse a um sino de cumprir a pobre missão em que consiste toda a beleza do seu destino – badalar?

Certo, não!

Cantar é o destino dos pássaros.

Badalar é o destino dos sinos.

Quando a alma catholica da cidade, dando graças a Deus pela boca dos sinos, espalha aos quatro ventos, com repiques festivos, o fervor de suas preces e o ardor entusiastico da sua fé, o sino de São Bento permanece angustiadamente mudo.

Sobre ele paira, como um castigo, a envio labilidade do Silencio...

Como é doloroso o Silencio inviolável dos sinos esquecidos!!

No emtanto, bastaria que u'a mão piedosa lhe agitasse, de leve, a corda do badalo que, para sempre mudo, se assemelha a uma língua para sempre morta. Inutilmente dependedurada dentro daquela bôcca para sempre aberta! O movimento do badalo, então, faria o milagre de uma ressurreição! Porque o som está latente nas moléculas do sino, com a alma nas moléculas de um corpo

Com a diferença de que um corpo póde perder almas.

Cantar é o destino dos pássaros

Badalar é o destino dos sinos

É triste ver um corpo sem alma.

É triste ver um pássaro sem vóz.

Porém, nada mais triste do que um sino condenado à eternidade do Silencio.

Pobre sino de São Bento,

Agora não é te dado, ao menos, badalar a tua própria dor.

Já não es o interprete das alegrias e das tristezas da cidade...

Vendo ir, foi que eu pude compreender quanto é doloroso o Silencio inviolável dos sinos esquecidos?

**Era Nova (Revista *Era Nova*, 01 de junho de 1924, n. 64).**

A crônica retrata os miseráveis e doentes da cidade. Não deu para ler a crônica completa, pois está ilegível. O cronista conta a história de um jovem que se chamava Durval, que é paralitico de pernas bambas, desconjuntado, inúteis, tendo no olhar a amargura do sofrimento, mas que ri quase sempre. E sua alegria é a alegria dos que sofrem. A sua vida se resume em pedir esmolas em frente ao cinema Rio Branco, chega às seis horas e fica até as

nove da noite. E sempre quando o vê, ele crer que Durval seria digno de um milagre idêntico, se Jesus voltasse ao mundo e então ele seria curado.

**Cidade dos Jardins – A Gente Humilde Da Cidade (Revista *Era Nova*, 15 de junho de 1924, n. 64).**

O vendedor de jornaes foi sempre um typo interessante. E em toda parte é sempre o mesmo, inconfundível, único. Pés descalços, bonet, rosto queimado pelo sol, cigarro nos lábios, calças remendadas nos fundilhos, pilhérico, irreverente, alegre... filosoficamente alegre. Depressa, habitua-se ao frio, ao sol, à chuva. E sempre jovem. Quando envelhece ou se sente envelhecer, substitui-se. Por isso não há garotos velhos. Seria um paradoxo inconcebível. O mais alto dever de um gazeteiro é ser como o jornal que vende, é transformar-se todos os dias, o que quer dizer conservar-se jovem, zombar do tempo.

Por isso a sua vida é o reflexo vivo do jornal. Identificam-se.

Ambos são uma e mesma coisa. As páginas do jornal mudam de typo, de assumpto. A alma do gazeteiro muda de emoções, com certeza. Renovam-se.

E é assim que se tornam adversários inconscientes da monotomia que é a velhice das almas e das coisas. No pregão dos garotos há um sabor de mocidade victoriosa, da alegria que é sempre a mesma, porque é sempre nova...

Uma cidade sem jornaes, sem gazeteiro é como um collegio sem crianças, é uma cidade muda- um cadáver de cidade. A voz dos vendedores de jornaes empresta uma sensação de saúde, de movimento de juventude ao ambiente em que se faz ouvir. É sangue sonoro que circula pelas veias... e as ruas são bem as veias da cidade...

Uma hora da manhã. As lâmpadas electricas arregalam, na penumbra, as ruas pupilas de oiro. A silhueta de um guarda caminha lentamente, incertamente, pelas aleas desertas, parando de vez em quando. As arvores tangidas pelo vento, gesticulam sob a tranquilidade do silencio. Cirandam sobre o asfalto em turbilhão, as folhas mortas correm, atropelam-se, desaparecem à sombra dos desvãos. Inutilmente procuram fugir ao inevitável que a espera. E de que têm medo das folhas amarelas?...

Têm medo do abafado rumor que se aproxima. Tatarátátátá... Tarátátátátá. E o carrinho de mão dos varredores coche fúnebre das folhas mortas. A vassoura é o destino inexorável que as domina. O varredor é a entidade suprema que preside esses destino... Mas o vento empresta às folhas sêccas um último sopro de vida, - é a intelligência que as protege. E as folhas correm, correm, soluçando baixinho a sua dôr. Emtanto ninguém entende o sofrimento, a angustia das folhas amarellas... Nem o próprio varredor, que é também uma folha sêca, levada pelo Destino –

vassoura inexorável a cujo impulso as almas se arrastam sobre as agruras da Vida como as folhas sobre as pedras das calçadas!

O varredor é velho. Os seus olhos parecem reflectir toda a tristeza dos seus cinquenta e tantos anos mal vividos. Apanha, com suas mãos cançadas e tremulas, as folhas que ajuntou, à vassouradas...

Ao passar sob as arvores da Praça o orvalho das frondes se desfaz em lágrimas sobre o carrinho de mão – coche fúnebre das folhas mortas.

Então comovidamente, o velho varredor olha, no alto, as folhas verdes que choram no silencio. Pâra, Olha, depois, as folhas amarellas... e fica triste. Tão triste que dir se ia vêr no destino as folhas o seu próprio destino...

**Cidade dos Jardins – Os grandes, os médios, os pequeninos (Revista *Era Nova*, julho de 1924, n. 65).**

Oito horas da noite. Saio do cinema Rio Branco, chove a cântaros. Um amigo me empresta a sua capa e toma o bonde em Tambiá. Sigo rumo à casa. A Rua Direita está deserta. [...]. Alargo o passo. Tenho os pés molhados, o rosto salpicado de chuva. Tremo de frio, um frio intenso, cortante.

Passa um bonde com as cortinas corridas, apinhado de gente. Depois um automóvel em terceira marcha... muito lento. Através dos crystaes do carro, que está iluminado, vi um homem muito gordo que recostado nas almofadas cor de malva enquanto fumava um charuto enorme, um abdalla naturalmente. E o automóvel passou. Que bela coisa, possuir um automóvel! E teve inveja do homem muito gordo, uma inveja terrível. A chuva agora cahia mais forte. Ao virar a esquina do Palacio do Governo, ia eu passando na diferença que existia entre mim e aquelle homem que eu divisára através dos crystaes do seu carro, recostado nas almofadas e fumando tranquilamente o seu abdalla. Neste momento sob uma das arvores rodeiam a Praça Venancio Neiva, encontro-me frente a frente, com um pobre homem, a tiritar, sob a inclemência do aguaeiro. Tinha a roupa em frangalhos, os pés descalços. Não era velho. Talvez fosse um das victimas das cheias do Parahyba...

- Patrão...é muito longe... daqui a Cruz das Almas?

- É longe, sim muito longe- respondi.

- Por onde se vae?

-O Sr.toma o bonde nesta esquina, e... Então me lembrei de que elle não podia entrar no bonde, lembrei-me de que não temos bondes de segunda classe!!!

- Eu não tenho dinheiro para o bonde... Metti as mãos nos bolsos, procurando um tostão inutilmente. Eu também não tenho – disse eu.

- Eu vou mesmo a pé...

- Vá por aqui... – E ensinei-lhe o cainho.

Elle olhou para a capa do meu amigo, e esse olhar pareceu-me uma supplica. Não lha dei, porque me não pertencia. Encolhendo os braços contra o peito, murmurou: Oh frio desesperado... e marchou, cambaleante. Não sei por que me lembrei outra vez do homem gordo do automóvel. Já não o invejei... Eu também, com a capa que me resguardava da chuva causava inveja a alguém...

**Cidade dos Jardins – Quatro palavras a respeito de Mille. (Revista *Era Nova*, julho de 1924, n. 66).**

Mille. Puresa é o nome que lhe convem...

Peço a Mille. Que não me pergunte se este nome com que baptisei é uma ironia...

Ademais esta chronica demonstra se é ou não.

Eis aqui as suas occupaões.

Ir a igreja todos os dias, confessar-se e consagra as primeiras sextas-feiras de cada mez... Eu aprecio as senhoritas religiosas, mas penso que a alma de Mille. Tem muito poucas culpas para que lhe seja ´preciso livrar-se delas mensalmente.

Bem são estas as principaes occupaões. Agora as outras.

Tocar La Gigolette e a valsa.

Se meus olhos te dissem tudo... no velho piano francez, que grita como se fosse um caosinho amarrado... ir ao cinema ao lado de velho papae, todos os domingos e conversar uma hora, de pé, sob uma das arvores da praça Venancio Neiva, com o eleito do seu coração, ao sair a tarde da Escola Normal. Isto é Mille. Saiu da escola antes de terminar o curso. Além disso não faz nada. Ultimamente cortou os cabelos a la Garçonne, e bataclanisou os seus vestidos e os gestos convenientemente... e pinta-se com acentuado exagero...

Tudo isto está muito direito. [...]. e isto porque Mille. Ignora que nas obras de arte não existe imoralidade e sim na ignorância de quem a vê...!

De modo que mille. Entrasse no vaticano, na residência de Sua Santidade o Papa, torna-se-ia apostata porque as obras de arte que lá existem a fariam descrer da moral [...] na religião dos seus antepassados. [...].

Se a minha amiga pudesse ir a Roma iria primeiramente ao Rio e a Paris e então, quando chegasse à cidade Eterna, outros [...] lhe cantariam.

Ah! Mille. Pureza. Mille. Pureza! Confesse que é muito triste, nascer, viver, e morrer na provincial...

[...]. Em vez do estudo sobre os nossos hábitos elegantes que me pediu, deixo-lhe aqui esta ideia que julgo encontrará condigno acolhimento na sua alma generosa de mulher.

Beijo lhe as mãos o seu amigo.

### **Publicações de Crônicas em 1925**

#### **Cidade dos Jardins – Uma idêa (Revista *Era Nova*, 01 de maio de 1925, n. 78).**

A sua idêa, minha amiga, seria por mim aceita, caso o meio em que eu e você vivemos fosse digno de um carinhoso estudo sobre os nossos hábitos elegantes, hábitos esses para nosso desprazer ainda não possuímos.

A elegância, minha amiga, - você sabe – é antes de tudo um requinte espiritual. Muita gente julga, entretanto que ela consiste apenas em exhibir um vestido falhado pelo último figurino.

Para mim o vestido é apenas um reclame do corpo que ele cobre. Do corpo e do espirito.

Para mim a mulher desnuda quando está vestida porque, da sêda que lhe cobre o corpo, a sua alma me aparece inteiramente nua, com todas as suas preferencias estheticas à mostra. O seu corpo torna-se então, a vitrine de sua alma.

E é assim que eu tenho visto almas horríveis. Verdadeiros aleijões.

Que quer, minha amiga? A elegância dizem com muito acerto, é, antes de tudo uma arte bastante complicadíssima. Requer uma vocação especialíssima, vocação que depende, como todas as outras, de determinada circunstancia das quaes a principal é a do ambiente em que nascemos. Pode-se láser elegante numa cidade como esta, sem tradições de gosto e de cultura?!

De que serviria acender o seu desejo escrevendo uma serie de chronicas onde se photographassem certos aspectos de nossa vida de citadinos lastimavelmente provinciano?

De que isso serviria se ainda não temos nada que nos defina?

[...]. Em vez do estudo sobre os nossos hábitos elegantes que me pediu, deixo-lhe aqui esta ideia que julgo encontrará condigno acolhimento na sua alma generosa de mulher.

Beijo lhe as mãos o seu amigo.

Escrever sobre retrêta? Aquella pontificantíssima retrêta do Jardim Público? Nenhuma graça achar naquela multidão de mocinhas e rapazes e [...] em torno daquele corêto, que mais parece um carroussel em que a banda de música sobre ele realejo de veio.

Qual o fim daquilo? Naturalmente, ouvir tangos excitantes e FOX-TROTS langorosos... E flertar. Que a retrêta é uma feira de frivolidade sem encanto, sem, mas uma reunião de elegância, não. Emtretanto, é ella o nosso único divertimento. Ella é o cinema. E nada mais.

Por queas nossas senhoritas não frequentam o “Café Moderno” infelizmente o único estabelecimento que é o genero [...] – mas que, assim sendo, poderia organizar um serviço de Chá e de outras bebidas e tornar-se um centro de elegância e distração? Por que as nossas famílias não [...] seus amigos dando convidados od convidados o emquanto de uma hora dansante ou musical?

Por que as nossas moças, muitas das quaes são filhas de capitalistas, não organizam um sodalício onde a cultura e a elegância simultaneamente, se cultivem com esmero e carinho?

Para que isso tornasse um facto, bastaria minha querida, que você, em uma das suas gentis amiguinhas, levantasse a idêa. Adhesões, garanto-lhe, não faltariam.

Isto poderia ser feito com um fim caridoso, realizando-se festas, semanais ou mensalmente, por meio de convites, a distictas pessoas do nosso meio, pessoas estas que se obrigariam a concorrer em dinheiro com o que lhe fosse possível. O chá e os bôlos para cada festa seriam dados gratuitamente por quatro ou cinco famílias do nosso meio. Na festa seguinte outras famílias seriam substituídas por outras.

As bebidas seriam pagas.

Não acha esplendido o plano? É verdade que não está bem delicado. Falta-me espaço para isso. Se a minha amiga, porém, necessitar de mais explicações escreva-me e eu os darei com muito prazer as minhas próximas chronicas, que versará sobre este mesmo assumpto.

Em vez do estudo sobre os nossos hábitos elegantes que me pediu, deixo-lhe aqui esta ideia que julgo encontrará condigno acolhimento na sua alma generosa de mulher.

Beijo lhe as mãos o seu amigo.

**Cidade dos Jardins – Elegância e Caridade (Revista *Era Nova*, 01 de junho de 1925, n. 80).**

(Alguns trechos da crônica estão ilegíveis.)

Minha gentil amiga: As minhas mãos eram ímpeto feliz, acabam de abrir a sua carta.

Nella, comenta você a minha última chronica de que se revestem os nossos hábitos ainda não provincianos.

Você compreendeu a sinceridade das minhas palavras sobre a criação de um sodalício de senhoritas, sociedade essa cujos fins teriam por alvo não só fazer a caridade aos que se [...] pela vida ao peso de todas as misérias, como também e ao mesmo tempo eleger o mesmo gosto pelas coisas de espírito: [...].

eu creio, minha amiga, que tudo isto, difícil à primeira vista, seria muito fácil e coroado de completo êxito, desde que houvesse um pouco de boa vontade.

O que não me agradou na sua carta foi você não querer tomar a frente de tão louvável empresa.

Por que? Quem mais capaz do que você que reúne a uma cultura não vulgar uma evangélica bondade?

Sobre o assumpto entendas se com as suas amiguinhas e verá que todas ellas serão da minha opinião. Eu sei, tenho uma consoladora certeza, de que tudo isso não será um sonho desde que à minha idêa não falte o apoio de sua alma generosa. Lembre-se do seu Paulo Danizio.

**Mademoiselle Sombra (Revista *Era Nova*, 15 setembro de 1925, n. 86).**

(Algumas partes da crônica estão ilegíveis.)

Todas as tardes, a hora mystica do poente, Mademoiselle Sombra, toda de preto aparece de súbito, na praça do Relógio - essa praça que é o índice da nossa vida urbana o coração puro onde afflue, num borborinho incessantes, numa promiscuidade pitoresca a vida elegante da cidade.

Mademoiselle Sombra anda sempre só.

Não tem amiguinhos e muito menos amiguinhas. Ninguém a conhece. É pobre, de uma pobreza discreta, cheia de pudor, pobreza que não se deixa adivinhar, que fica em casa quando Mademoiselle sai à rua.

É que na sua humildade, Mademoiselle estudou e aprendeu todos os segredos da arte de bem vestir, da arte de parecer aquillo que se não é. E como? Trabalhando.

Sim Mademoiselle trabalha, trabalha muito. Ah, se as suas mãos falassem, Aquelas pobres mãos, pequeninas e brancas, pobres mãos diligentes e torturadas! [...].

Em todos os aspectos do seu destino, Mademoiselle é um paradoxo que tem qualquer coisa de [...] quente, que tropicaliza os desejos que suggere. [...].

Quando aparece ali na Praça do Relógio há sempre um fox trot que, de dentro do Café Moderno, festeja a sua vinda. Porque Mademoiselle é toda uma [...]

Poucos minutos depois ninguém mais a vê. Só apparecerá no dia seguinte, a hora mystica do poente.

Mademoiselle Sombra é um romance cheio de mocidade que anda procurando conclusão para o seu entrecho...

**Melancolia, (Revista *Era Nova*, 30 de setembro de 1925, n. 87).**

Hontem à tarde, pediu-me você, minha doce amiga, que escrevesse uma chronica alegre, cheia de sol, para os seus olhos tristes, cheio de sobras, esses olhos que são ribalta da sua alma.

- Karsawina alucinada dansando para os meus sentidos atentos. Você queria uma chronica que fosse bailado um bailado que tivesse aquella mesma claridade sonora e pagã do L'Après-midi d'un faune, de Debussy e Mallarmé.

Mas como quer você que lhe diga coisas alegres, numa manhã como esta, em que a chuva, caindo em fios finos e longos sobre a epiderme da terra envolta em bruma, entorna na minha alma o vinho agri-doce de uma melancolia indefinida, a lembrança de coisas longínquas que o tempo vai esfumando pouco a pouco, lentamente, dolorosamente?...

Eu quizeria escrever coisas alegres... Mas ninguém mais que você sabe como sou sincero em tudo que escrevo. Os meus dedos sempre foram escravo da minha sensibilidade é por isso, se revoltam contra o desejo que tenho de obedecer a sua vontade. Nervosos, rebeldes, apertam a penna que, a bailar sobre o papel, vai deixando um rastro de palavras tristes.

Nesta manhã cheia de nevoa, minha amiga, eu recordo-me – permita que lhe diga – recordo-me de você... foi numa manhã assim, que seu convite fui encontrá-la naquela sala

do seu palacete. – sala pequena que ficou na minha saudades photographada em alto relevo, com sua figura esbelta a mover-se rithmos silenciosos, em gestos longos e suavíssimos.

A chuva cahia lá fora, monótona, melancolizando a passagem que tínhamos deante de nós, encaixilhada nos quatro ângulos da janela envidraçada. Sobre um maple azul, o seu gato de olhos enigmáticos, dormitava enroscando entre coussins de sêda. A tua voz colorida – milagre de mances sonoras e dolentes - erguia-se sobre minha alma em extase.

E você disse versos de Verlaine e os versos cantavam:

Son regard est pereil aux regard des statues.

Et peur sa voiz, laintaine, et greve et calme...

Sim minha amiga, aquela vóz... aquella vóz era sua. A sua vóz longique, e grave, e calma... Van Lerberghe, o irmão gemio, pela docura das suas estrphes, de Rodembach, cantou pelos seus lábios:

Ma soeur la Pluie,

La belle et tied pluie d'été

Doucement Vole, doucement fuit...

La fora a chuva continua a cahir dôcemente...

Naquella manhã cheia de ternura, minha amiga, voce me fez sonhar um grande sonho que se prolonga do meu passado para o seu presente, por toda a minha vida.

Perdôe-me. Talvez não seja do seu agrado dizer-lhe estas coisas. Mas que quer? Era isto o que eu lhe podia dizer à luz húmida e difusa desta manhã descolorida, cinzenta, esta manhã de setembro, que mais parece de junho. Como vê, é – me impossível escrever uma chronica alegre cheia de sol, para os seus olhos tristes, cheio de sombras.

### **Refúgio dos que recordam (Revista *Era Nova*, 31 de outubro de 1925, n. 89).**

A maior parte da crônica está ilegível.

Sentemo-nos neste banco, meu amigo, e conversemos. Não quer sentar-se? Por quê? Ah! não gosta desta praça? Admirável. Você que é um artista, [...] e realiza o que sonha! Você que ama aquelles de deveriam à Pátria um nome, glorioso, devia ter por este recanto uma predilação nada especial pelo motivo superior de ter ella, merecido o nome da arte da pintura. Ora, meu amigo você não é justo em dizer tal coisa.

Este artificialismo de atitudes não lhes fica bem. Fale sinceramente. A sinceridade, mesmo nas [...] como você fazem da vida um delicioso paradoxo, e ainda uma coisa apreciável. [...].

**A praça que é o sorriso da cidade... (Revista *Era Nova*, 15 de novembro de 1925, n. 90).**

(A crônica está ilegível.)

**Era Nova (Revista *Era Nova*, 30 de novembro e 31 de dezembro de 1925, n. 91).**

(O texto não dar para ler completo.) Vejamos alguns trechos.

Há dias em que os meus olhos derramam ilusão sobre todas as coisas. Põem sobre tudo o que vejo uma claridade de [...].

E abrem-se para a alegria como duas janellas que, há muito tempo fechadas, se escancarassem para a passagem primaveril.

A terra toda, num milagre de renovação, se veste de flores para [...]

Há rosas à margem de todos os caminhos. [...].

Nesses dias é que eu vejo que falta ao sorriso e ao corpo de [...] a carícia do meu beijo e a ternura do meu amor. E na ilusão do passado, eu vivo para a felicidade do presente esquecido de que a alegria de hoje é a saudade de amanhã.

**A Dor anonyma de um destino vulgar (Revista *Era Nova* 31 de dezembro de 1925, n. 92).**

(Não deu para ler a crônica, está ilegível).

## **ANEXO C – PUBLICAÇÕES DE REFLEXÕES DE PERYLLO DOLIVEIRA**

Chamou-se aleatoriamente de “Reflexões” os textos do poeta que não tinham indicações de gêneros.

**Nocturno (Revista *Era Nova*, 1923, n. 55).**

Appareceste! As notas que estavam adormecidas sob o teclado branco do velho piano pareceram despertar.

Meus olhos ansiosos de ti envolveram-te com a suavidade desses afagos que só os olhos sabem ter...

Envolveram-te toda: desde a opulência doirada dos teus cabelos desde a carícia envolvente das tuas pupilas azúes até a curva impecável dos teus seios, até a beleza clássica das tuas ancas que imitam o contorno de uma ampóra grega. Vieste para mim.

Teu corpo musical tinha a elegância das gândolas e os movimentos rítmicos das ondas do alto mar!

Teus braços heráldicos e longos se estenderam para mim, e a noite negra dos meus cabelos iluminou-se como a brancura das tuas mãos.

E, prêso à volúpia amorosa do teu carinho, foi que eu pensei na beleza imortal da Venus de Mellos, desejando a serenidade petra dos seus olhos se anuviasse de pranto para que eu viesse chorar com a saudade desses braços que, cansados da impossibilidade eterna de um só gesto, fugiram do seu corpo de estátua para o teu corpo de mulher! Falaste-me...

A alma lyrica de Mendellshonn parecia vibrar na sonoridade da tua voz e a Marcha Nupcial ressoava em tua bôcc, penetrando os refolhos íntimos do meu sêr.

Beijaste-me... E, a delícia de teu beijo, eu me senti morrer... Os meus sentidos parecem esfumar-se na indecisão de uma vertigem... cerrei os olhos... E na penumbra... que se fez sob as minhas pálpebras fechadas, eu vi teu vulto ir desaparecendo... desaparecendo...

Acordei... e desde essa noite, eu não mais vi o teu corpo musical que tinha a elegância das gândolas e os movimentos rítmicos das ondas no alto mar!

**A viagem Eterna (Revista *Era Nova*, 1924, n. 57) – Peryllo Doliveira.**

(Não deu para ler a crônica completa, está ilegível.)

- De onde vens, peregrino?

-Venho da vida.

- Para onde váes?

- Para a vida.

[...]

- E o que esperas?

- Espero a renovação do meu martyrio.

- E o teu martyrio, então terá fim?

- Tudo é eterno como a vida.

- E o que buscas? O amor?

- Não quero ser amado, mas amar tudo que existe dentro e fora de mim. E este amor causa por que procuro encontrar a felicidade dentro da minha Dôr. Eis o que buscas?

- Será isto impossível?

- O impossível não existe.

Quando a Dôr deixa de ser a ânsia [...] dos desejos da Terra. Torna-se a esperança interminável do céu. E então vamos em subida em subida em busca do mais alto, mais longe, do incançavel, do absoluto. É que podemos ver que a Vida Humana [...] um degrau na escada da eternidade. [...].

### **Vidas Alheias (Revista *Era Nova*, 1924, n. 59).**

Não seria nada demais que mille. Respondesse aquella carta que ele lhe escreveu com tantos zelos, proclamando-a a mais formosa das mulheres e cantando-lhe todo o fervor de sua grande paixão.

Mesmo ele anda se queixando às amiguinhas do silencio de mille...

Toda carta tem resposta... Por que essa não terá!?

Viram casualmente, uma vês naquela mesma avenida nas feéricas noites da Neves.

Nas idas e vindas, os olhares de ambos se cruzaram numa confissão tácita de sympatia. Depois pareciam esquecidos, sem querer saber um do outro. Passaram-se anos. Em um ambiente de arte e de alegria e puderam falar longas horas a sós. Mille. tem adoração pelo poetas e ama-os com refulgente inteligência e vivacidade de espirito com que a vivacidade a adotou. Mas, infelizmente ele não é poeta. Não falam de poesias naqueles momentos que passam juntos. As folhas tantas ele lembra aquelle célebre verso francês: Mon âme-a son secret, m avie a son mystere... Sim existe um segredo... um mysterio. Mille. propõe –se desvendar...

Fal-o – á? Não sabe. O certo é que ele não podi esquecer, como ficará combinado.

Nem com a sua ida ao Rio...

Linda fantasia mille. Anda a sonhar para o carnaval.

Linda e, sobretudo bizarra. Já anda também a sonhar com um melancólico Pierrot que lhe há de dar as três noites de verve e de barulhenta alegria toda beleza da vida.

No efêmero deslumbramento daquela maravilhosa aphoteose do praser, entre a serpentina e o gettoni, a lança perfume e o confetti, a gente não se lembra da tristeza que a

existência nos dá, do angôsto que nos alanceia a alma e cae mesmo dentro da estonteante orgia. Na verdade o carnaval tem desse milagre.

Mille esquecerá, o amargor da saudade que a tortura nesse delicioso trio de tão proporcionadas emoções... Não há de certo nada entre as repetidas palestras daqueles dois jovens à praça Venâncio Neiva. Querem-se muito... apenas como amiguinhos.

Nada mais que é que há nisso digno de reparo? Ambos são de maneiras tão destinctas que podem somente causar inveja aos que os vêem...

\*

alegre quando o homem não tiver deveres a cumprir. Compreende?

- Mais ou menos – balbucionou o Alberto tonto, vacilante como uma chama entre a contrariedade de dois ventos – Mas, peço-te, fica-te com as tuas teorias absurdas e deixa-me gosar a alegria do carnaval.

- Com o gosto vai. Vai para a praça Venancio Neiva como se fosse para um presidio.

Marcha para alegria como se marchasse para a Dôr Entre o Thabor e um calvário há pouca diferença.

- Sim, sim, mas adeus, seu philosopho das dúzias.

- Adeus. Eu nãoirei contigo. Passei todo anno muito alegre. Durante o carnaval, portanto, metter-me-hei em casa.

- Graças a Deus. Fica em casa. É melhor.

Porque se sahisse à rua o Carnaval se acabaria antes de tempo. E então terias de morrer, entre as chamadas de uma fogueira como Savonarola.

E o Alberto Soeiro, depois de apertar entre as suas minhas mãos, sahiu repetindo estas fatidicas palavras:

- O carnaval seria uma tristeza se a vida não fosse tão triste!.

\*

Não há como a gente sentir-se à vontade para falar do nosso querido próximo. E o caso daquele casal de velhos que todas as noites vae ao Morse. Não lhe soube bem o vestido daquela senhora magra sua visinha, e aquella senhora gorda era irritante nos sus commentarios ao film...

E aquelle rapazinho que pegou de namoro com u'a moça que lhe ficava atraz e por isso voltava a cabeça, vez por outra, tomando-lhe a vista da tela?

É isso mesmo. A frente dessa gente, por um excesso de paciência, sofre-se os seus incommodo de mal educados, mas, longe deles, não há uma bôa tesoura.

**Do amor da morte e da loucura (Revista *Era Nova*, 31 de dezembro de 1925, n. 92)**

(Não deu para ler, estava ilegível).